

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO

FACULDADE DE LETRAS



Neemias Alencar Pacheco

**TRADUÇÕES DA BÍBLIA DAS LÍNGUAS ORIGINAIS
ÀS EDIÇÕES BRASILEIRAS:
uma historiografia**

Rio de Janeiro

2021

NEEMIAS ALENCAR PACHECO

TRADUÇÕES DA BÍBLIA DAS LÍNGUAS ORIGINAIS
ÀS EDIÇÕES BRASILEIRAS:
uma historiografia

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à
Faculdade de Letras da Universidade Federal
do Rio de Janeiro, como parte dos requisitos
necessários à obtenção do título de licenciado
em Letras Português/Inglês e Literaturas.

Orientadora: Dra. Janine Pimentel

Rio de Janeiro
2021

DEDICATÓRIA

Em 4 de junho de 2020, depois de 6 dias intubado, meu cunhado Ronaldo Batista Pereira partiu para o lar celeste, vítima da CoViD-19. Foi um marido apaixonado, um pai firme e presente, um pastor zeloso e amável, um missionário abnegado e um irmão querido. Dedicou sua vida a propagar o evangelho de Jesus. De notório saber teológico e dado às letras, produziu diversos materiais de formação teológica e inúmeros estudos bíblicos para edificação de muitas vidas. Foi aluno de Latim da Faculdade de Letras da UFRJ e meu colega de classe em Fonologia de Língua Portuguesa. Após sua morte, fomos todos surpreendidos por sua coautoria do livro *Os Doze*, no qual foi autor do capítulo 14, “João”, o discípulo amado. Sua partida foi a realização de seu maior sonho: ver o Senhor. Dedico este trabalho à memória dele.

AGRADECIMENTOS

Ao eterno, que não tosqueneja nem dormita, de quem nada pode fugir do controle, a quem tudo pertence, cujo nome é impronunciável, mas o chamam de Deus – e eu, Aba;

À minha família, que me deu o suporte emocional necessário; à minha esposa Marta Picardo, minha maior inspiração, por me encorajar a nunca desistir; ao meu pai Enéias Pacheco, meu maior professor e pastor;

À minha professora e orientadora Janine Pimentel por me convidar e encorajar a escrever este trabalho que tanto me fez bem, por me ajudar e compreender minhas dificuldades, por me motivar sem perceber o quanto me ajudou;

Aos colegas, e também amigos, Paula Pinheiro, Rafael Trianon, Tiago Aquino, Lucas Bezerra, Geisiane Cristine, Diego Aguiar, Diogo Prado e Rita Moura pelos vários momentos em que passamos juntos;

Ao caro amigo Joel Araújo, por disponibilizar e confiar seu material a mim, o primeiro para minha pesquisa. À minha sobrinha Suelen Polizer, que, como aluna do curso de Italiano, me incentivou a me inscrever no processo seletivo para a FALE da UFRJ. Aos meus padrinhos Claudia e Giovanni Meneses, por sempre estarem presentes quando precisei, pelos conselhos preciosos e simplesmente por me respeitarem e me aceitarem.

A todos, reitero, o meu muito obrigado.

“O tradutor não é o autor. O tradutor é um autor que reescreve um texto alheio, novo texto que passa a ser também seu.”

(Gilles Jean ABES)

LISTA DE SIGLAS E ABREVIATURAS

ACF	Almeida Corrigida Fiel
AEC	Almeida Edição Contemporânea
ARC	Almeida Revista e Corrigida
ARA	Almeida Revista e Atualizada
AT	Antigo Testamento
BH	Bíblia Hebraica
BLH	Bíblia na Linguagem de Hoje
CIO	Companhia das Índias Orientais
CNBB	Conferência Nacional dos Bispos do Brasil
IBB	Imprensa Bíblica Brasileira
MSS	Manuscritos
NT	Novo Testamento
NTLH	Nova Tradução na Linguagem de Hoje
NVT	Nova Versão Transformadora
NVI	Nova Versão Internacional
SBA	Sociedade Bíblica Americana
SBB	Sociedade Bíblica do Brasil
SBI	Sociedade Bíblica Internacional
SBBE	Sociedade Bíblica Britânica e Estrangeira
SBT	Sociedade Bíblica Trinitariana - <i>Trinitarian Biblical Society</i>
SBTB	Sociedade Bíblica Trinitariana do Brasil
SBU	Sociedades Bíblicas Unidas
TB	Tradução Brasileira
TEB	Tradução Ecumênica da Bíblia

RESUMO

Este trabalho traz uma pesquisa em textos sensíveis da subcategoria religiosos, que oferece uma historiografia das traduções da Bíblia desde sua primeira tradução em português à sua mais recente versão no Brasil. Para traçar esse caminho, primeiramente, apresentamos: a composição da Bíblia – do cânon judaico e do cânon cristão; suas primeiras traduções e os livros deuterocanônicos; a aprovação do cânon católico romano pelo Concílio de Trento; e os textos de partida em línguas originais usados na atualidade. Em seguida, um sucinto histórico relata como chegaram os primeiros exemplares da Bíblia em território brasileiro, e introduz duas breves biografias dos primeiros tradutores da Bíblia para o português bem como a formação das primeiras Sociedades Bíblicas. Finalmente, orientada pelos dados que, segundo D’Hulst (2021), uma pesquisa histórica deve conter, nossa historiografia propõe um inventário das traduções da Bíblia no Brasil. Tais publicações apresentam-se em ordem cronológica cumprindo um critério: as traduções com os dois testamentos estão posicionadas de acordo com a data de suas respectivas versões completas. Este inventário resgata, ainda, as versões não brasileiras de João Ferreira de Almeida e de Antônio Pereira de Figueiredo, as revisões e recensões dessas versões feitas no Brasil, e, em seguida, lista as traduções brasileiras indiretas e diretas em português, sem deixar de fora as traduções parciais, traduções em línguas indígenas e releituras da Bíblia em gênero literário.

Palavras-chave: história de tradução, historiografia, recensão da Bíblia, revisão da Bíblia, tradução da Bíblia.

ABSTRACT

This work presents a research in sensitive texts of the religious subcategory, which offers a historiography of Bible translations from its first translation into Portuguese to its most recent version in Brazil. To trace this path, first, we present: the composition of the Bible – the Jewish canon and the Christian canon; its first translations and the deuterocanonical books; the approval of the Roman Catholic canon by the Council of Trent; and source texts in the original languages used today. Then, a brief history tells how the first copies of the Bible arrived in Brazilian territory, and introduces two brief biographies of the first translators of the Bible into Portuguese, as well as the formation of the first Bible Societies. Finally, guided by the data that, according to D’Hulst (2021), a historical research must contain, our historiography proposes an inventory of Bible translations in Brazil. Such publications are presented in chronological order, fulfilling one criterion: the translations with both testaments are positioned according to the date of their respective complete versions. This inventory also retrieves the non-Brazilian versions by João Ferreira de Almeida and Antônio Pereira de Figueiredo, the revisions and reviews of these versions made in Brazil, and then it lists the indirect and direct Brazilian translations into Portuguese, without leaving out partial translations, translations in indigenous languages and re-readings of the Bible in literary genre.

Keywords: Bible recension, Bible review, Bible translation, historiography, translation history.

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	10
2	ESTUDOS TEÓRICOS DA TRADUÇÃO DA BÍBLIA	14
2.1	EUGENE ALBERT NIDA	14
2.2	ESTUDOS NO BRASIL	16
3	A BÍBLIA: COMPOSIÇÃO	18
3.1	O CÂNON JUDAICO	18
3.1.1	A Lei (Torah)	18
3.1.2	Os Profetas (Nevi'im)	19
3.1.2.1	Profetas Anteriores	19
3.1.2.2	Profetas Posteriores	19
3.1.3	Os Escritos (Ketuvim)	20
3.1.4	Algumas particularidades	20
3.2	O NOVO TESTAMENTO	21
3.2.1	Tradição Oral	21
3.2.2	Epístolas Paulinas	21
3.2.3	Os quatro Evangelhos e Atos dos Apóstolos	22
3.2.4	Epístolas Gerais	22
3.2.5	Profecia	22
3.3	APÓCRIFOS OU DEUTEROCANÔNICOS	23
3.3.1	Tradução para o grego	23
3.3.2	Tradução para o latim	24
3.3.3	O Concílio de Trento	24
3.4	TEXTOS NAS LÍNGUAS ORIGINAIS NA ATUALIDADE	25
4	HISTORIOGRAFIA DAS TRADUÇÕES DA BÍBLIA NO BRASIL	26
4.1	VERSÕES EUROPEIAS	26
4.1.1	Tradução de João Ferreira de Almeida	27
4.1.2	Tradução de Antônio Pereira de Figueiredo	28
4.1.3	Sociedades Bíblicas	29
4.2	VERSÕES BRASILEIRAS	31
4.2.1	Recensões de traduções não-brasileiras	31
4.2.2	Traduções Indiretas	32
4.2.3	Traduções Diretas	36

4.2.4	Edições parciais da Bíblia	41
4.2.5	Edições em línguas indígenas	42
4.2.6	Releituras da Bíblia	42
4.2.7	Breve análise quantitativa	43
5	CONCLUSÃO	44
	REFERÊNCIAS	47

1 INTRODUÇÃO

A Bíblia é o livro sagrado do cristianismo; originalmente foi escrita em hebraico, aramaico e grego. O caminho percorrido pelos textos que a compõem atravessa momentos marcantes da história, a saber, a ascensão e queda de impérios como Egito, Babilônia, Pérsia, Grécia e Roma, sendo este último o maior responsável pela sua difusão no ocidente. A Bíblia já foi traduzida para mais de 1.800¹ línguas e ainda detém o *status* do livro mais traduzido da história, com direito a organizações que se ocupam em fazer sua manutenção e difusão.

Este trabalho objetiva apresentar uma historiografia em uma área classificada como tradução de textos sensíveis, enquadrados na subcategoria dos textos religiosos. O professor de hermenêutica na University of Liverpool Simms (*apud* RAUPP, 2015) elenca quatro bases mais comuns, mas não as únicas, que tornam quaisquer gêneros discursivos sensíveis: textos sobre o Estado, a religião, o pudor, e sobre um determinado indivíduo; isso porque podem provocar objeções em seus leitores, pois nem todos têm o mesmo ponto de vista sobre tais temas. Gohn (2001, p.149) diz que esses textos “são sensíveis porque são passíveis de suscitar objeções por motivos ligados à religião”, e que “há de se reconhecer, assim, que alguma coisa de peculiar existe em relação à sua tradução”. Ainda, Raupp (2015, p.21) sugere que a atual importância da Bíblia “parece estar em seu conteúdo, que muitos líderes e fiéis tendem a considerar uma verdade absoluta e incontestável”; Silva (1996), por sua vez, ensina que a Bíblia é um livro divino pelo qual Deus se revela, portanto, é de sua autoria, embora escrita por mão humanas.

Por tudo isso, o estudo das traduções dos textos bíblicos é uma área vasta, que atrai uma atenção especial pelo seu alcance. Uma historiografia, segundo Rundle (2020), preocupa-se em como a história de uma área é escrita, de um ponto de vista teórico e metodológico. D’Hulst (2021) propõe uma lista de dados para os quais a pesquisa histórica deve atentar, baseada na retórica clássica: “*Quis? Quid? Ubi? Quibus auxiliis? Cui? Quomodo? Quando? Cui bono?*”, que significam respectivamente: quem? o que? onde? com o que? por quê? como? quando? para benefício de quem? A presente historiografia contempla as traduções da Bíblia no Brasil e procura, junto às fontes disponíveis, satisfazer essas questões.

A tradução da Bíblia é do interesse de diversos núcleos sociais, principalmente denominações religiosas, com suas convicções doutrinárias e ideologias distintas. St-Pierre (*apud* RUNDLE, 2020) considera a tradução uma prática discursiva dentro de um contexto sócio-histórico específico. O proselitismo cristão impulsionou e veiculou essas práticas

¹ Informação extraída da introdução da *Bíblia de Aparecida* (2020).

discursivas, isto é, as traduções da Bíblia, influenciando sociedades ao longo da História. Os pesquisadores canadenses Delisle² e Woodsworth³ (2012) focam nos tradutores como indivíduos e no impacto histórico de seus trabalhos. Jerônimo (sec. IV), por exemplo, com a Vulgata Latina, possibilitou a propagação da Bíblia em todo ocidente, permitindo que chegasse ao seu status atual, e que está presente, em algum nível, nas diversas esferas sociais.

A Bíblia é base de instituições como: a Igreja, a Família e em alguns casos, a Escola; todos são, segundo Althusser (1985), Aparelhos Ideológicos de Estado (AIE)⁴. Ele define AIE como:

(...) certo número de realidades que se apresentam ao observador imediato sob a forma de instituições distintas e especializadas. (...) Funcionam primeiramente através da ideologia e secundariamente através da repressão seja ela bastante atenuada, dissimulada ou mesmo simbólica. Dessa forma, as Escolas, as Igrejas “moldam” por métodos próprios de sanções, exclusões, seleção etc... não apenas seus funcionários, mas também suas ovelhas. E assim a Família... (ALTHUSSER, 1985, pp.68,70).

Esse alcance estaria diretamente relacionado ao trabalho, não apenas dos tradutores da Bíblia, mas de seus próprios autores. Segundo a visão da pesquisadora brasileira Arrojo⁵ (1986) sobre textos de partida, um texto “original” já seria essencialmente uma tradução, e que o autor não teria mais o controle sobre as interpretações feitas de seus textos e seria apenas seu visitante. Ela explica ainda, que os tradutores/leitores os interpretam sob diferentes pontos de vista. Por isso não conseguem recuperar as intenções originais do autor:

Ainda que um tradutor conseguisse chegar a uma repetição total de um determinado texto, sua tradução não recuperaria nunca a totalidade do “original”; revelaria inevitavelmente uma leitura, uma interpretação desse texto, que por sua vez, será, sempre, apenas *lido e interpretado*, e nunca totalmente decifrado ou controlado (ARROJO, 1986, p.22).

Como resultado dessas leituras, muitas traduções da Bíblia surgiram – tão plurais quanto seus leitores e suas finalidades.

Para desenhar essa historiografia, um levantamento sobre estudos teóricos de tradução dos textos bíblicos abre o trabalho, trazendo as contribuições de Eugene Albert Nida, o nome

² Presidente do Comité pour l’histoire de la Traduction e da Canadian Association for Translation Studies.

³ Fundadora da Canadian Association for Translation Studies e membro da Literary Translator’s Association of Canada.

⁴ Segundo Althusser, os Aparelhos Ideológicos de Estado são dos tipos: religioso, escolar, familiar, jurídico, político, sindical, midiático e cultural (p.68)

⁵ Professora na Unicamp e na PUC-São Paulo.

mais relevante na história da tradução da Bíblia no século XX. Ainda, um breve comentário apresenta importantes estudos de traduções, incluindo da Bíblia, no cenário brasileiro. Em seguida, a seção ‘A Bíblia: composição’ aborda a formação do cânon judaico, dos livros deuterocanônicos, e do cânon cristão. Por último, mas não menos importante, uma relação apresenta todos os textos fontes em línguas originais disponíveis atualmente, e que servem aos tradutores do Brasil e do mundo. Finalmente, a seção “A historiografia das traduções da Bíblia no Brasil” reúne as publicações e projetos tradutórios brasileiros. Primeiramente, é feita uma breve menção das traduções europeias que chegaram até o Brasil no século XVI; em seguida, é traçado um histórico das traduções em língua portuguesa que foram trazidas para o Brasil no século XIX, e que foram relevantes para a construção do cenário brasileiro; adiante, são listadas as resenhas brasileiras da primeira tradução da Bíblia em língua portuguesa.

De forma a completar as informações dadas sobre as primeiras traduções da Bíblia em português, um breve histórico conta sobre a criação das Sociedades Bíblicas, responsáveis pela publicação e distribuição das Bíblias no Brasil e no mundo. A diante, são apresentadas as traduções brasileiras indiretas a partir de versões europeias e estadunidenses; em seguida, são introduzidas as traduções brasileiras diretas, isto é, com base nos textos em línguas originais bíblicas; adiante, há um breve comentário sobre traduções em línguas minoritárias, a saber, indígenas; e por fim; são listadas as traduções parciais e as releituras da obra bíblica.

Essas traduções da Bíblia apresentadas estão em ordem de publicação de sua primeira versão completa, isto é, com Antigo Testamento e Novo Testamento; a partir de então, as publicações são discriminadas desde sua primeira impressão à sua edição final. Isso porque a maior parte das Bíblias teve primeiramente o Novo Testamento publicado, e posteriormente sua edição completa; algumas traduções ficaram apenas no Novo Testamento ou arriscavam uma parcela do Antigo Testamento. Ainda, revisões, correções e resenhas de uma mesma tradução são versões suas, e estão concentradas, mantando a linearidade das informações.

Algumas publicações aparecem com datas diferentes em algumas fontes de pesquisa. Por isso, foram adotadas as datas dadas nas apresentações das versões impressas disponíveis; para as indisponíveis, foram adotadas as datas registradas em publicações da Sociedade Bíblica do Brasil; as demais, foram reunidas a partir de artigos, trabalhos, teses e livros publicados. Portanto, as informações que divergem encontram-se nas notas de rodapé, para que se faça justiça das menções bibliográficas.

As notas de rodapé contêm informações úteis para a compreensão plena do texto, como datas de publicações que divergem entre as fontes de pesquisa, informações extras de nomes mencionados, variantes de uma mesma referência e buscas em fontes não bibliográficas.

Para as traduções indiretas, é apresentada a versão original correspondente, para que haja completude da referência dada; os textos fontes das línguas originais em hebraico, aramaico e grego são reservadas apenas para as traduções diretas, sempre que fornecidos.

Este trabalho busca relacionar todas as publicações da Bíblia no Brasil; procura, traçar o caminho desenhado pelas traduções, revisões, recensões, reedições e republicações. Mais do que isso, conta como surgiu a Bíblia em língua portuguesa, quem viabilizou o trabalho e como chegou ao território brasileiro. Preocupa-se, também, sempre que disponível, mencionar o nome dos tradutores ou dos principais, quando há uma comissão – algumas traduções não indicam o nome de seus tradutores, atribuindo às editoras o crédito final. E por fim, objetiva construir uma Historiografia numa perspectiva diacrônica, que contemple desde a primeira tradução do texto hebraico aos exemplares disponíveis atualmente no Brasil.

2 ESTUDOS TEÓRICOS DA TRADUÇÃO DA BÍBLIA

A tradução de textos de línguas antigas comumente se apresenta como resultado de um trabalho no qual se prezou pela fidelidade ao texto de partida; nessa abordagem, o tradutor busca traduzir palavra por palavra e manter sua ordem, numa tentativa de reproduzir ou provocar impressões sobre o texto da língua fonte; esse tipo de tradução, consequentemente, despreza as particularidades da língua alvo, imprimindo uma mensagem cuja estrutura corre o risco de estranheza ao leitor (PORTER, 2005).

A primeira tradução da Bíblia a ter sucesso por buscar um texto que satisfizesse o leitor em termos de sentido foi a *Vulgata Latina* de S. Jerônimo (405 d.C.); nela, o tradutor preocupou-se em usar as estruturas e características distintivas do latim para transmitir os textos hebraico, aramaico e grego. A busca por uma tradução que siga as características distintivas da língua alvo lança mão de estratégias como a equivalência dinâmica, que Nida (1947) desenvolveria em seu estudo de tradução da Bíblia.

2.1 EUGENE ALBERT NIDA

Porter (2005) diz que a primeira referência bibliográfica em tradução da Bíblia foi a monografia de Eugene A. Nida. Linguista, tradutor e pastor batista estadunidense, Nida desenvolveu a teoria da correspondência formal e equivalências dinâmica, estudo que inspirou e encorajou tradutores da Bíblia de todo o mundo. Sua monografia, *Bible translating: an analysis of principles and procedures* (1947), foi um livro que ele escreveu por não haver outro de que tivesse conhecimento e que auxiliasse tradutores. Em seguida, lançou *Towards a science of translating* (1964), um trabalho que reúne e consolida quase vinte anos de pesquisa sobre tradução, com uma seção especial para textos bíblicos. Finalmente, uma reflexão sobre a aplicação de sua teoria na tradução da Bíblia veio em *The theory and practice of translation* (1969)⁶, escrito com Charles Taber – consultor de tradução da SBU; trabalho esse, que tomou sua forma final em *From one language to another: functional equivalence in Bible translating* (1986), com Jan de Waard – tradutor da SBU na África e na Europa. Sobre a contribuição de Nida, Porter afirma:

“As teorias de Nida ainda constituem a base para muitas práticas de tradução, como também para muitos desenvolvimentos recentes na teoria da tradução. (...) Nida se

⁶ A fonte consultada foi a edição de 1982.

estabeleceu como principal figura e promotor da tradução da Bíblia, não apenas no século XX, mas, possivelmente, de todos os tempos.” (PORTER, 2005, pp.8-9, minha tradução⁷)

A teoria formulada por Nida, a partir de sua experiência de tradução da Bíblia, consiste na diferenciação entre correspondência literal (ou formal) e equivalência dinâmica (ou funcional). A abordagem de correspondência formal ainda é praticada como uma tentativa de ser fiel ao texto fonte; busca-se renderizar vocabulário, ordem de palavras, e mesmo estruturas sintáticas a fim de reproduzir na língua alvo, o mais próximo possível, o conteúdo encontrado no texto original – acredita-se que isso não compromete as impressões nem os efeitos provocados pelo autor ainda que não seja um arranjo natural; esse tipo é peculiar em tradução de línguas antigas, na qual estar o mais próximo do texto fonte é considerado um *status* (PORTER, 2005). Porém, a tradução que tenta reproduzir fielmente o texto fonte na língua alvo pode não ser bem compreendida:

Uma tradução interlinear de um idioma para outro é um tipo de tradução literal. Existem muitas traduções interlineares do Novo Testamento grego, mas são difíceis de entender, **a menos que uma tradução mais livre as acompanhe**, pois a ordem das palavras gregas é bastante diferente das palavras em inglês. (NIDA, 1947, p.11).

Nida contribuiu para que tradutores chegassem a um consenso sobre os três componentes essenciais da equação translacional: a língua fonte, a língua alvo e a mensagem que está sendo comunicada de uma para outra. Bassnet (2002) ilustra essa equação ao falar de *decoding* e *recoding* (decodificação e recodificação), o processo em que o texto da língua fonte sofre uma análise e é transferido, podendo sofrer uma reestruturação que resulta na tradução na língua alvo. Segundo Porter (2005), de todas as contribuições de Nida, as duas mais importantes foram: dar contorno à complexidade da natureza da tradução, detalhando todas as suas facetas possíveis, e ao desenvolvimento do processo pelo qual a tradução é feita, levando em conta tal complexidade.

Ao defenderem o uso de equivalência dinâmica (ou funcional) na prática de tradução, Nida e Taber (1982) se apoiam em algumas considerações em relação à língua fonte, à língua alvo e ao resultado. Com relação à língua fonte, eles dizem: *i.* as línguas bíblicas são como quaisquer outras línguas, com suas mesmas limitações; *ii.* os escritores/autores bíblicos esperavam ser entendidos; e *iii.* uma tradução deve reproduzir o sentido de uma passagem dada

⁷ Salvo quando indicado, todas as traduções de citações apresentadas nesta monografia são de minha autoria.

de acordo com o entendimento do escritor/autor (p.6-8). Para Porter (2005), Nida e Taber (1982) assume que o grego do Novo Testamento era a língua usada no mediterrâneo no século I; assumem também, a teoria de comunicação que postula uma compreensão mútua, na qual os escritores do Novo Testamento entendiam o que escreviam bem como seus leitores subsequentes; e defendem a teoria de intenção autorial, ou seja, que é possível construir hipoteticamente as intenções do autor a partir do seu texto, o que, segundo Porter, já foi bem debatida, porém com poucos adeptos.

Com relação à língua alvo, Nida e Taber dizem: *i.* cada língua tem suas próprias características distintivas; *ii.* essas características devem ser respeitadas em vez de alteradas; *iii.* o que pode ser dito em uma língua pode ser dito em qualquer outra; e *iv.* o conteúdo de uma mensagem deve ser preservado mesmo que a forma tenha que ser alterada (p.3-6). Porter ainda diz que, embora alguns linguistas concordem que cada língua tenha suas próprias características distintivas, há uma variedade de modelos linguísticos que enfatizam mais seu sentido do que sua estrutura superficial; muitos intérpretes creem que a tradução, na melhor das hipóteses, é impossível e, na pior, é um ato de traição; outros se questionam se a tradução comunica efetivamente o conteúdo de uma mensagem se, para assumir um equivalente mais natural, tenha que abrir mão de características distintivas da língua fonte.

Com respeito ao resultado, eles concluem: *i.* uma tradução deve focar primeiramente em reproduzir a mensagem da língua fonte; *ii.* uma tradução deve buscar equivalência da mensagem ao invés de conservar a forma do enunciado; *iii.* o equivalente natural mais próximo deve ser usado; *iv.* o significado tem prioridade sobre a estrutura; e, finalmente, *v.* o estilo, embora secundário ao conteúdo, ainda deve ser preservado (p.12-14). Essas conclusões resumem o que fora dito anteriormente, mas atraíram a atenção por enfatizar muito mais o sentido do que a forma.

2.2 ESTUDOS NO BRASIL

No cenário brasileiro, no que se refere às questões de tradução da Bíblia, se destacam: J. Koenings, membro do comitê científico e revisor da *Bíblia Sagrada: tradução oficial da CNBB* (2001); R. Arrojo, Professora na UniCamp e na PUC-São Paulo; e M. Raupp, pesquisador de marcas ideológico-doutrinárias no texto de chegada.

Arrojo, (2003) toca no tendão de Aquiles da tradução da Bíblia: a questão do texto original e a fidelidade. Com críticas contundentes à teoria de Nida, sobre transportar para o

texto de chegada todo o conteúdo do texto de partida sem prejuízos, e alcançar as intenções do autor, ela argumenta:

(...) é impossível resgatar integralmente as intenções e o universo de um autor, exatamente porque essas intenções e esse universo serão sempre, inevitavelmente, nossa visão daquilo que possam ter sido. (...) nossa tradução de qualquer texto, poético ou não, será fiel não ao texto “original”, mas àquilo que consideramos ser o texto original, àquilo que consideramos constituí-lo, ou seja, à nossa interpretação do texto de partida, que será, como já sugerimos, sempre produto daquilo que somos, sentimos e pensamos (ARROJO, 2003, p.40,44).

Assim, entende-se que a fidelidade que alguns buscam na tradução da Bíblia atende melhor às suas próprias ideologias.

Para Koenings (2009) um tradutor deve ter: um amplo conhecimento tanto da língua fonte como da língua alvo; conhecimento da crítica textual bem como das edições críticas do texto bíblico; bom conhecimento do contexto histórico; e consciência das questões de crítica literária que envolvem o texto. Sobre o tradutor e a tradução, ele diz ainda:

O tradutor pode projetar no texto o efeito que ele gostaria de ver produzido no leitor, mesmo quando esse não foi o efeito original do texto. Nesse caso, fala-se em manipulação. Além disso, a rapidez das mudanças semânticas e situações pragmáticas torna essas traduções muito efêmeras e pouco adequadas para a memorização e a proclamação (KOENINGS, 2009, p.123).

Para ele, embora o tradutor também seja um exegeta, o lugar hermenêutico em que se faz a exegese difere daquele no qual se faz a tradução: o lugar hermenêutico do exegeta está mais próximo do texto de partida, enquanto o lugar hermenêutico do tradutor está mais próximo do texto de chegada.

Para encerrar esta seção, Raupp (2015) parece bem adequado, pois mostra que as cinco primeiras traduções completas da Bíblia no Brasil refletem, ainda que inconscientemente, marcas ideológico-doutrinárias distintas de seus respectivos grupos religiosos, a saber, protestante, católico, ecumênico, judaico, judaico-messiânico e das Testemunha de Jeová. As diferenças doutrinárias entre os grupos impulsionam a busca por um texto consonante. Apoiado no pressuposto de que a “linguagem reproduz ideologia” (SIMPSON, 1993, p.6), Raupp diz:

(...) parece razoável admitir que toda tradução é dotada de marcas ideológicas em alguma medida, já que fica difícil não concordar que toda tradução, da mesma forma que o original é uma autêntica manifestação da linguagem e, como tal, também pode ser um veículo transmissor de ideologias (RAUPP, 2015, p.118).

3 A BÍBLIA: COMPOSIÇÃO

A Bíblia é a coletânea de livros sagrados para judeus e cristãos. Está basicamente dividida em duas partes: Antigo Testamento (AT) e Novo Testamento (NT). A exemplo de Raupp (2014), tal nomenclatura doravante será referenciada como AT e NT respectivamente. A seleção e a ordem de seus livros, bem como subdivisões, dependem da comunidade religiosa que a tem como principal orientação de fé. Há, por isso, diferentes versões para atender às diversas comunidades presentes no Brasil, tais como: judeus, e cristãos. Estes incluem judeus messiânicos, católicos romanos e protestantes.

Destinada à comunidade judaica, a Bíblia Hebraica é formada pelos 24 livros do cânon judaico. Tal conteúdo compõe o AT das Bíblias cristãs. Embora o AT das Bíblias protestantes corresponda exatamente à Bíblia Hebraica, difere em ordem e divisão de alguns livros. Nas Bíblias católicas, porém, possui sete livros a mais, além de quatro acréscimos a livros do cânon (KONINGS, 2009). O NT, por sua vez, é composto por vinte e sete livros, e é comum entre todas as Bíblias cristãs, exclusivamente. Isso porque, ao contrário dos messiânicos, os judeus tradicionais não reconhecem a divindade de Jesus, desprezando todo o conteúdo produzido relacionado a ele.

3.1 O CÂNON JUDAICO

O Tanakh⁸ (Bíblia Hebraica) – AT para os cristãos – é a coletânea dos livros do cânon judaico considerados sagrados e divinamente inspirados; é composto por 24 livros que contêm as leis dos hebreus, registros históricos, proféticos e material cultural religioso, tais como: canções, poemas, orações, provérbios e filosofia. Esses textos foram organizados por assuntos, obedecendo a seguinte divisão: Torah ou Lei (cinco livros), Nevi'im ou Profetas (oito livros), e Ketuvim ou Escritos (onze livros).

3.1.1 A Lei (Torah)

Boa parte dos textos componentes tem sua origem na tradição oral (MULLER; HUBER, 2013). Todo o conteúdo histórico que antecedeu o Êxodo⁹ e preservado oralmente foi reunido

⁸ Tanakh é um acrônimo para as três partes do cânon: Torah, Nevi'im e Ketuvim (MILLER; HUBER, 2013).

⁹ Saída dos hebreus do cativeiro egípcio.

por escritores encarregados do registro da história dos hebreus desde a criação aos seus dias, sob orientação do líder Moisés, que, segundo os escritos, conduziu o povo na saída de seu cativeiro. Desde então, os códigos de leis, liturgias, bem como os relatos e eventos que se seguiram até a sua morte, foram reunidos nos cinco primeiros livros que compõem a Torá ou Lei ou, ainda, Pentateuco¹⁰. São esses: *Gênesis*, *Êxodo*, *Levítico*, *Números* e *Deuteronômio*.

3.1.2 Os Profetas (Nevi'im)

Certamente, nenhum outro livro teria espaço na Lei. No entanto, Josué, sucessor de Moisés, teria dado continuidade aos registros de seu povo. Os escritos que relatam esse período compõem a categoria Profetas e está dividida em dois grupos: Anteriores e Posteriores.

3.1.2.1 Profetas Anteriores

O livro de *Josué* abre a categoria; o de *Juízes*, é o principal elo histórico entre Josué e a Monarquia; nesse período Israel era uma confederação de tribos e vivia uma Teocracia nas pessoas dos juízes¹¹ e dos profetas, numa região em que os povos vizinhos já viviam a monarquia (MILLER; HUBER, 2013). A transição da Teocracia para Monarquia é relatada em *Samuel*, que cobre os eventos desde Saul, passa por Davi, até a morte de Salomão; já *Reis* abrange desde a divisão do reino até o exílio na Babilônia.

3.1.2.2 Profetas Posteriores

Os livros que compõem esta categoria foram escritos por eles próprios ou por seus escribas (MILLER; HUBER, 2013), num intervalo de tempo que se estende da morte de Salomão (933 a.C.) ao fim da Restauração (400 a.C.). Os escritos dos profetas mais antigos datam do período pré-exílio (848-760 a.C.): *Obadias*, em Edom; *Joel*, em Judá e Jerusalém; e *Jonas*, em Israel e Nínive. Seus escritos compõem o livro *Os Doze* desta categoria.

Depois da morte de Salomão, o reino foi dividido em: Reino do Norte, Israel, e Reino do Sul, Judá. *Oseias* e *Amós* atuaram em Israel, e *Miqueias* e *Isaías*, em Judá; os que se seguiram dedicaram-se apenas a Judá: *Sofonias*, *Naum*, *Habacuque*, e *Jeremias* – ele e seu escriba,

¹⁰ Coleção de cinco livros.

¹¹ Uma espécie de chefes militares e magistrados civis.

Baruque, escreveram 25 capítulos de seu livro antes do exílio na Babilônia, e os demais, enquanto refugiados no Egito. Portanto, *Isaías e Jeremias* abrem a categoria Profetas Posteriores; já os demais também compõem o livro *Os Doze*.

Os profetas que atuaram durante o exílio, além de Jeremias, foram *Daniel* e *Ezequiel*. Porém, embora contemporâneos, *Daniel* compõe a categoria Escritos – talvez por ter chegado depois do fechamento de Profetas (MILLER; HUBER, 2013).

Quando a Pérsia invadiu a Babilônia, os judeus puderam retornar para Judá (538 a.C.). Nesse período pós-exílio atuaram *Ageu* e *Zacarias*; e *Malaquias* foi o último profetas do AT. Eles fecham o livro *Os Doze*, o último livro dos Profetas.

3.1.3 Os Escritos (Ketuvim)

Essa seção do cânon pode ter sido a última a ser estabelecida. Após o exílio, Esdras reuniu os escritos que compunham a Lei, os registros dos profetas e escribas, além de conteúdo literário como: materiais de tradição oral, composições e narrativas. A ordem dos livros foi determinada pela divisão em três categorias, a saber, Escritos Grandes, Livros Festivos e Livros Históricos (MILLER; HUBER, 2013).

A categoria Escritos Grandes contempla: o livro de *Salmos*, um inventário de composições usados em ritos e festas; o de *Provérbios*, material de conteúdo sociocultural e filosófico; e o de *Jó*, poema épico de tradição oral e de conteúdo teológico (SILVA, 1996). A categoria Livros Festivos apresenta cinco rolos na ordem de seus respectivos feriados religiosos, quando eram lidos nas sinagogas: *Cântico dos Cânticos*, *Rute*, *Lamentações*, *Eclesiastes* e *Ester*. A última categoria, Livros Históricos, composta por três livros, a saber, *Daniel*, *Esdras-Neemias* e *Crônicas*, reúne narrativas que detalham o período do exílio e um apanhado de pré e pós-exílio.

3.1.4 Algumas particularidades

Como dito anteriormente, o AT da Bíblia de orientação protestante corresponde ao cânon judaico. Contudo, segue a ordem da *Septuaginta* – primeira tradução de livros do cânon para o grego; consequentemente isso interferiu na divisão da coletânea: *i.* enquanto o *Tanakh* é composto por 24 livros, o AT protestante tem 39, e o católico, 46; *ii.* os registros dos doze profetas compõem apenas um livro no cânon, mas no AT há doze – um para cada profeta; *iii.* os livros de *Samuel*, *Reis* e *Crônicas* são divididos cada um em I e II partes no AT; *iv.* o livro

de *Esdras-Neemias* é dividido em dois livros no AT. Flávio Josefo¹² (2004) menciona 22 livros do cânon; pesquisadores acreditam que ele considerava *Juízes* e *Rute* um único livro por seu conteúdo contemporâneo, e *Jeremias* e *Lamentações* uma única obra, pois se complementam.

3.2 O NOVO TESTAMENTO

O NT é uma coletânea composta por 27 obras, que abrange biografias, narrativas, cartas e profecias; são organizadas em 5 categorias: História (um livro), Epístolas Paulinas (treze cartas), Evangelhos (quatro livros), Epístolas Gerais (oito cartas), e Profecia (um livro). Tem esse nome, pois, para os seguidores de Jesus, o seu sacrifício estabelece um novo concerto que substitui o estabelecido entre Deus e os hebreus após o êxodo no Monte Sinai.

3.2.1 Tradição Oral

Assim como o AT, o NT também teve seu início na tradição oral, com seguidores compartilhando histórias sobre Jesus e seu evangelho¹³; os eventos que antecederam seu nascimento, bem como alguns fatos de sua infância, juventude e o seu ministério foram divulgados simultaneamente. Isso, segundo os escritos, teria atraído fiéis, e provocou a revolta de líderes, que resultou na morte de Jesus.

Seus discípulos e seguidores teriam testemunhado sua ressurreição e ascensão, o que potencializou a propagação do evangelho de Jesus e deu caráter proselitista ao cristianismo. Isso evoluiu para um extenso trabalho missionário dos chamados apóstolos¹⁴. Viagens missionárias e cartas marcam esse início da era cristã.

3.2.2 Epístolas Paulinas

Cerca de 20 anos após a crucificação de Jesus, Paulo, um apóstolo comissionado pelo próprio Cristo, segundo seu testemunho, escreveu epístolas (cartas) às igrejas (comunidades) que ele ajudara a estabelecer; tais cartas foram os primeiros escritos cristãos a compor o que mais tarde seria o NT. São elas: aos *Romanos*, 1 e 2 aos *Coríntios*, aos *Gálatas*, aos *Efésios*, aos *Filipenses*, aos *Colossenses*, 1 e 2 aos *Tessalonicenses*, 1 e 2 a *Timóteo*, a *Tito* e a *Filemom*.

¹² Flávio Josefo foi um historiador judeu, autor do livro *História dos Hebreus*.

¹³ Do grego *evangelion*, que significa “boas novas”.

¹⁴ Apóstolo significa “que vem após”.

3.2.3 Os quatro Evangelhos e Atos dos Apóstolos

Após aproximadamente duas décadas de tradição oral, os propagadores do evangelho viram a necessidade de sistematizar o conteúdo referente a Jesus; separaram seus ditos em um grupo e seus milagres em outro; até suas parábolas foram agrupadas por assuntos. Essas histórias, após serem contadas e recontadas, acabaram sendo reestruturadas, tomando forma e cumprindo um gênero narrativo, que tornou a história mais compreensível e mais propagável.

Ao todo são quatro escritos: *Evangelho de Marcos* (60 d.C.), o texto aponta para um público alvo bem específico: cristãos de Roma; o *Evangelho de Mateus* (85 d.C.), o texto é direcionado aos judeus convertidos; o *Evangelho de Lucas* (85 d.C.), o primeiro de uma obra em dois volumes, o segundo é *Atos dos Apóstolos*, cujo público alvo é tanto judeu quanto gentio; e o *Evangelho de João* (90 d.C.), que, pesar de levar um nome, não se sabe ao certo quem o escreveu; seu público-alvo eram cristãos judeus que moravam em Éfeso.

3.2.4 Epístolas Gerais

Trata-se de cartas escritas por apóstolos, que não Paulo, de conteúdo doutrinário num intervalo entre 60 e 70 d.C. São elas: aos *Hebreus*— de autoria anônima¹⁵ e teor argumentativo de que o sacrifício de Jesus estabeleceu um Concerto¹⁶ superior, uma nova aliança; de *Tiago*— autoria atribuída ao irmão de Jesus; *1 e 2 de Pedro* – Pedro teria recebido ajuda de Silas para uma escrita refinada de sua primeira carta, já sua segunda parece ter sido escrita por um seguidor; *1, 2 e 3 de João* – essas cartas também são anônimas, mas a linguagem é muito semelhante ao do quarto evangelho, e o contexto confere com o dos cristãos de Éfeso; e de *Judas* – o autor identifica-se como irmão de Tiago, e estudiosos afirmam que se trata de dois dos quatro irmãos de Jesus.

3.2.5 Profecia

O livro de *Apocalipse* (90 d.C.), do grego *apocalipsis*, o título significa revelação; seu autor se identifica como João, exilado em Patmos, uma ilha perto de Éfeso; muitos atribuem ao

¹⁵ Por alguma razão perdeu-se a identidade do autor, gerando ao longo dos séculos muitas especulações sobre ter sido escrita por Paulo ou por Apolo. Contudo, não há um consenso sobre isso.

¹⁶ Novo Concerto ou Nova Aliança; daí o emprego do termo Novo Testamento, que significa “novo acordo”.

autor do quarto evangelho e das três epístolas; a prisão numa ilha confere com as colônias penais do Imperador Domiciano na perseguição aos cristãos ao final do primeiro século; o público-alvo era toda a comunidade cristã.

O documento mais antigo que definiu o cânon do NT foi uma carta escrita por Atanásio, um bispo egípcio, em 367 d.C., na qual ele lista, além dos livros do cânon judaico, os 27 livros do NT como hoje são conhecidos; essa carta inspirou o posicionamento da Igreja nos Concílios de Hipona, em 393, e de Cartago, em 397 e em 419 (GIRALDI, 2013).

3.3 APÓCRIFOS OU DEUTEROCANÔNICOS

Alguns livros foram escritos tarde demais para pertencerem ao cânon, outros, simplesmente, não foram aceitos. No entanto, por sua importância cultural, foram mantidos na primeira tradução para o grego, a *Septuaginta* (MILLER; HUBER, 2013). São conhecidos como Apócrifos¹⁷ (ocultos) ou Deuterocanônicos (segundo cânon). Tais escritos compõem as bíblias católicas romanas e ortodoxas.

3.3.1 A tradução para o grego

A partir do exílio, os judeus habitavam terras estrangeiras – os judeus da Diáspora. Após passar pelos babilônios e persas, agora sob o domínio grego e com a absorção da cultura e da língua, a leitura de seus livros sagrados, aos poucos, deixou de ser possível. Ptolomeu II (285 a. C.) de Alexandria, no Egito, promoveu a tradução do Pentateuco, a chamada *Septuaginta*¹⁸; as traduções dos demais livros foram incorporadas posteriormente ao longo de duzentos anos.

A *Septuaginta* continha 54 livros e 6 acréscimos; contudo, alguns deles não foram considerados sagrados pelos líderes judeus, o que resultou na formação de um cânon, que deixou de fora 12 livros e os acréscimos componentes da tradução grega, a saber, os livros: *I Esdras*¹⁹, *Judite*, *Tobias*, *1-4 Macabeus*, *Odes*, *A Sabedoria de Salomão*, *Eclesiástico* (ou *Sirácida*), *Salmos de Salomão* e *Baruque*; e os acréscimos: *Oração de Manassés* (em *Odes*), *A carta de Jeremias* (em *Baruque*), *A oração de Azarias*, *A canção dos três moços*, *Susana*, e *Bel e o Dragão* (os quatro em *Daniel*).

¹⁷ Jerônimo, tradutor da *Vulgata*, foi quem empregou o nome ‘apócrifos’ em relação aos deuterocanônicos.

¹⁸ Palavra que significa setenta em grego, pois sua tradução teria sido feita por 72 sábios judeus em 72 dias.

¹⁹ 2 *Esdras* corresponde ao *Esdras-Neemias* do cânon judaico.

A busca dos cristãos pela *Septuaginta* motivou os Judeus a produzirem outras traduções gregas do cânon, a saber, a *de Áquila* – buscava ser fiel ao original palavra por palavra, deixando o texto grego confuso e difícil de ser lido; a *de Teodocião* – também próxima do texto original, com transliteração de termos difíceis para manter o som original; e a *de Símaco* – um texto legível e mais elegante, a melhor das três versões (MILLER; HUBER, 2012).

Silva (1996) explica que, devido a falhas de tradução na *Septuaginta*, Orígenes, um erudito cristão, compôs a *Héxapla* (228 d.C.), um compêndio de seis versões do cânon judaico, organizado em seis colunas, a saber, 1ª: texto hebraico; 2ª: texto grego traduzido palavra-por-palavra; 3ª: versão de Áquila; 4ª: de Símaco; 5ª: *Septuaginta*; e 6ª: de Teodocião. A *Héxapla de Orígenes* foi fonte de consulta para tradutores, como Eusébio (sec. III) e Jerônimo (sec. IV).

3.3.2 Tradução para o latim

A expansão do império romano impôs o latim como língua oficial, e surgiram traduções do acervo literário existente. Silva, também, afirma que foi assim que surgiu a *Antiga Versão Latina* ou *Vetus Latina* (170 d.C.), possivelmente em Cartago; continha o AT (traduzido da *Septuaginta*) e o NT; uma revisão da *Vetus latina* foi feita na Itália na metade do século II, conhecida por *Vetus itala*. Giraldi (2013) conta que, a pedido de imperador romano, Constantino I (272-337), Eusébio traduziu a Bíblia para o latim, com base na *Héxapla*. Por fim, a *Revisão de Jerônimo* (387 d.C.) foi sobre a *Vetus Latina*, também com base na *Héxapla*.

Jerônimo, então, dedicou-se a uma nova tradução do AT, a partir do hebraico (405 d.C.); segundo Silva, por influência do cânon, ele concentrou ao final os livros não-canonizados pelos judeus, que constam na *Septuaginta*, advertindo que não poderiam servir de base doutrinária; Giraldi diz que foi ele quem primeiro empregou a palavra *bíblia*²⁰ e que, no século XIII, sua versão recebeu o nome de *Vulgata latina*, que serviu de fonte para muitas traduções.

3.3.3 O Concílio de Trento

A Igreja Católica Romana aprovou os sete livros deuterocanônicos em 18 de abril de 1546, para conter a reforma protestante; achou-se neles base para as doutrinas que os reformadores combatiam, a saber, o purgatório, a intercessão pelos mortos e a salvação mediante obras. A primeira edição com os deuterocanônicos incorporados no AT veio a público

²⁰ Os gregos chamavam os rolos de *bíblia*, que significa “de Biblos”, região fenícia exportadora de papiro.

em 1592 e foi aprovada pelo papa Clemente VIII. São eles: *Tobias*, *Judite*, *Sabedoria de Salomão*, *Eclesiástico*, *Baruque*, *1 e 2 Macabeus*; e os acréscimos: a *Ester* (10.4 – 16.24), e a *Daniel* (*A canção dos três moços*, *Susana*, e *Bel e o Dragão*).

3.4 TEXTOS NAS LÍNGUAS ORIGINAIS NA ATUALIDADE

Atualmente os textos nas línguas originais procurados pelos tradutores são: a *Peshitta Siríaca*²¹ (sec. II) – versão em aramaico, traduzida do hebraico e do grego; o *Pentateuco samaritano*²²; os Manuscritos do Mar Morto²³ (1947); *Revisão da Bíblia Hebraica Rudolf Kittel* (1937); *Bíblia Hebraica Stuttgartensia* (1977), *Novum Testamentum Graece 28^a ed.* (2012); *Septuaginta – Vorlage* (sec. IX d.C.)²⁴; *Septuaginta* de Alfred Rahlfs (1979); e *Goettingensia*, de Joseph Ziegler (1982) para os deuterocanônicos. Tais versões são os textos fontes de traduções mais recentes. É importante observar que os manuscritos dos livros deuterocanônicos, após ficarem de fora do cânon judaico, se perderam por não terem dos escribas a atenção dedicada ao Tanakh. Restaram, apenas, suas traduções em grego da *Septuaginta*, são essas a que os tradutores recorrem.

²¹ O nome ‘peshitta’ significa ‘simples’, e tal versão caracteriza-se pelo texto objetivo e linguagem simplificada.

²² Samaritano é um dialeto, mistura de hebraico antigo com assírio, que surgiu durante o exílio.

²³ Doze rolos, escondidos na 2ª revolução dos judeus contra os romanos entre 132 e 135 d.C. (SILVA, 1996).

²⁴ Texto hebraico da Septuaginta, que diverge do Texto Massorético, mas não dos Escritos do Mar Morto.

4 HISTORIOGRAFIA DAS TRADUÇÕES DA BÍBLIA NO BRASIL

Com o advento do cristianismo, o proselitismo conferiu um caráter mais devoto ao trabalho de tradutores para a propagação do evangelho de Jesus, conhecida como a Grande Comissão, ordenada por ele mesmo, registrada em Mateus 28.16-20, e levada a cabo pelos apóstolos no início da era cristã. Para traçar esse caminho, partimos de algumas das traduções europeias de maior importância, que foram publicadas e que chegaram ainda no Brasil colônia, passando pela criação das Sociedades Bíblicas (SBs), e alcançando as revisões, recensões e diversas traduções brasileiras, relacionando todas, indiretas e diretas, que foram publicadas em território nacional.

4.1 VERSÕES EUROPEIAS

Havia uma resistência por parte da Igreja Católica Romana à leitura da Bíblia em línguas vulgares (MALZONI, 2016). Cultos, celebrações e ritos eram acompanhados de leituras da versão em latim. As demais traduções vieram após a Reforma Protestante²⁵ que se iniciou em 1517. A igreja Católica desconfiava de que a leitura da Bíblia em língua vernácula promoveria a adesão ao movimento iniciado por Martinho Lutero. Apenas em 1757, a igreja mudaria seu posicionamento quando o Papa Benedito XIV publicou a Encíclica que reconhecia a importância da leitura da Bíblia em língua vernácula na edificação da fé. A tardia mudança contribuiu para que cristãos protestantes produzissem a tradução da Bíblia em línguas vulgares, incluindo o português.

Os primeiros exemplares da Bíblia no território brasileiro – além da Vulgata em ritos católicos – foram traduções em francês e holandês (GIRALDI, 2013). Quinze missionários calvinistas²⁶ chegaram ao Brasil com Villegaignon em 1555, por ocasião da conquista da baía da Guanabara. Sob a liderança de Jean de Lery, ficaram apenas oito meses. Contudo, durante os cinco anos de ocupação francesa na cidade do Rio de Janeiro, Villegaignon realizou cultos com leitura da Bíblia – possivelmente a tradução francesa de Pierre Robert Olivétan (1535). Em 1630, os holandeses conquistaram a província de Pernambuco sob o comando de Hendrick Lonck, um domínio que durou 24 anos sobre 14 capitanias do nordeste comandada pelo conde

²⁵ Movimento iniciado na Alemanha e liderado por Martinho Lutero contra a liderança da Igreja Católica Romana e suas doutrinas em 1517 (HURLBUT, 2007).

²⁶ Cristãos protestantes adeptos da teologia do francês Jehan Cauvin (João Calvino), considerado o maior nome da Reforma Protestante na França (HURLBUT, 2007).

João Maurício de Nassau. Durante essa estada, os calvinistas estabeleceram 22 congregações em que ministravam cultos com leituras da Bíblia – possivelmente a *Biestkensbijbel*²⁷ (1560) e a *Statenvertaling*²⁸ (1637). No entanto, essa “experiência calvinista terminou com a expulsão dos holandeses em 1654” (GIRALDI, 2013, p.32).

Em 1712, um carregamento de 150 exemplares do evangelho de Mateus chegou ao Brasil. Tratava-se de parte da tradução do NT por João Ferreira de Almeida, que estava em sua 3ª edição (Amsterdã, 1712) – a primeira foi em 1681, em Amsterdã, e a segunda, em 1693, na Batávia. Esses exemplares eram destinados à colônia de Goa, na Índia, mas o navio que os transportava, após ser interceptado por uma esquadra francesa, veio parar em território brasileiro. A tradução de Almeida foi o primeiro conteúdo bíblico publicado em língua portuguesa e, conseqüentemente, nessa língua, a chegar em solo brasileiro.

4.1.1 Tradução de João Ferreira de Almeida

Português, nascido em Torres de Tavares²⁹ em 1628, João Ferreira Annes d’Almeida residia em Malaca, hoje um estado da Malásia, onde tornou-se protestante na Igreja Reformada Holandesa. Dedicou-se aos estudos teológicos e à tradução de livros bem como de textos bíblicos. Começou traduzindo os evangelhos e algumas cartas paulinas. Cópias manuscritas por ele mesmo foram enviadas para as congregações da própria Malaca, de Batávia³⁰, na Ilha de Java, e de Ceilão³¹ – tais locais integravam as Índias Orientais sob o domínio dos holandeses, embora usassem o português como língua franca devido à ocupação de militares e mercantes portugueses na região (SCHOLZ, 2007).

O trabalho de Almeida começou com a tradução indireta do texto latino do Pe. Theodoro de Beza (1557), com consulta a versões em espanhol (1602), francês (1535) e italiano (1607). Aos 16 anos, Almeida já tinha traduzido do latim o NT; trabalho esse concluído em 1645 para uso eclesiástico próprio e nunca foi publicado. Mais tarde, dedicou-se à tradução em línguas originais. Em 1663, adotou como base para seu novo trabalho o NT grego *Textus Receptus*³² (1633), pelos irmãos Elzevir – possivelmente a segunda edição –, com base no NT grego por

²⁷ “Bíblia de colostro”, versão holandesa da tradução de Martin Lutero (1534). <https://www.bijbelsdigitaal.nl/biestkensbijbel-1560/>. Acessado em: 04/05/2021, às 18:00.

²⁸ “Tradução do Estado”, versão oficial holandesa traduzida das línguas originais por uma comissão. <https://www.bijbelsdigitaal.nl/statenvertaling-1637/>. Acessado em: 04/05/2021, às 18:00.

²⁹ Atual Conselho de Mangualde.

³⁰ Atual Djakarta, capital da Indonésia.

³¹ Atual República Democrática Socialista do Sri Lanka.

³² Que significa “Texto Recebido”.

Desidério Erasmo (1516); além das versões em línguas vulgares, Almeida lançou mão da versão holandesa (1637). Esse trabalho foi concluído em 1670, mas passou por uma longa revisão até que tomasse o formato da então recente edição da versão holandesa de 1671 (ALVES, 2007).

A primeira edição do NT de Almeida foi impressa em Amsterdã em 1681, cuja produção, após um ano, foi interrompida pela Companhia das Índias Orientais (CIO) para uma nova revisão. O seu texto, além de estar um tanto distante do português então falado em Portugal, foi impresso por alguém que não tinha conhecimento de sua língua, o que resultou em muitos erros tipográficos. Dois anos depois, Almeida concluiu o Pentateuco, pois estava engajado na tradução do AT – embora não haja registros de seu conhecimento em língua hebraica (ALVES, 2006). João Ferreira de Almeida, como hoje é conhecido, morreu em 1691³³, tendo traduzido o AT até Ezequiel 48.21 – cerca de 90% do conteúdo (SILVA, 1986).

Somente em 1693, dois anos após sua morte, a edição revista de seu NT foi impressa e distribuída na Batávia. No ano seguinte, a tradução do AT foi concluída por Jacobo op den Akker³⁴, um missionário holandês local, integrante da comissão de revisão do NT de Almeida. No entanto, essa tradução esperou quase cinco décadas para passar pela revisão das autoridades da CIO. Enquanto não acontecia, a terceira edição do NT de Almeida foi publicada em 1712, dessa vez em Amsterdã³⁵. Em 1742, o material traduzido do AT por Almeida e Akker foi submetido a um processo de revisão que levou nove anos. Finalmente, o AT em língua portuguesa por João Ferreira A. d'Almeida e Jacobo op den Akker foi impressa na Batávia, em dois tomos com dois volumes cada, a saber, o I em 1748³⁶, e o II em 1753, (MALZONI, 2016).

Por fim, no embalo da publicação do AT, uma nova revisão do NT deu início – dessa vez à luz das versões espanhola de Cipriano de Valera (1602), holandesa (1637), e alemã de Lutero (1534); e, em 1773, na Batávia, foi publicada a quarta edição do NT de Almeida – o longo trabalho que resultou nas publicações do AT (1748 e 53) e do NT (1773) ficou conhecido como a Grande Revisão do Século XVIII (SCHOLZ, 2006). Por intermédio de Almeida, o português foi a décima terceira língua vulgar para a qual a Bíblia foi traduzida.

4.1.2 Tradução de Antônio Pereira de Figueiredo

³³ Segundo o autor, o tribunal da Inquisição teria queimado uma estátua de Almeida em Goa, na Índia. Alves (2007), porém, critica o fato de não haver registros dessa suposta execução.

³⁴ Há registros de que o Rev. Jacobo atendia também pelo nome de Johannes e não tinha o português como língua nativa (GIRALDI, 2013; SEIBERT, 2007).

³⁵ Há um exemplar dessa edição na Biblioteca Nacional.

³⁶ Há um exemplar de cada volume desse 1º tomo na Biblioteca Nacional.

Nascido em Tomar, Portugal, em 1725, Antônio Pereira de Figueiredo dedicou-se ao sacerdócio católico e tornou-se um respeitado teólogo, latinista e historiador. Motivado pela Encíclica publicada em 1757, na qual o Papa Benedito XIV reconhecia a importância da leitura da Bíblia em língua vernácula na edificação da fé, Figueiredo dedicou-se à tradução da *Vulgata Latina* (MALZONI, 2016). Seu trabalho se estendeu de 1772 a 1790: em 1781, publicou o NT e em 1790, o AT. Assim, a Bíblia, Tradução em língua portuguesa por Antônio Pereira de Figueiredo, versão indireta e de orientação católica, foi completada em Portugal num total de 23 volumes: 17 do AT e 6 do NT. Figueiredo morreu em 1797, quando não mais exercia o sacerdócio.

Uma edição revista pelo próprio tradutor e com notas de rodapé foi publicada em 1804. No entanto, tais notas foram condenadas pela igreja por divergências no que tange ao limite entre igreja e estado. Essa mesma versão, mas sem as notas de rodapé, foi reeditada outras duas vezes: em 7 volumes em 1819 e, finalmente, em volume único em 1821. A tradução de Figueiredo era de linguagem aprazível; estudiosos da Bíblia, portugueses e brasileiros, receberam muito bem o seu texto elegante. Em 1864, foi publicada no Brasil e caiu no gosto de leitores católicos e protestantes, a ponto de estes preferirem o texto de Figueiredo ao de Almeida; e em 1904, foi reeditada em Portugal com novas notas pelo Pe. Santos Farinha – desta vez mais consonantes com a liderança da igreja (MALZONI, 2016).

4.1.3 Sociedades Bíblicas

Com a alta demanda de Bíblias na Grã-Bretanha, cerca de 400 pessoas se reuniram para produzir o material, inicialmente para o País de Gales e posteriormente para atender outros países. Assim, em 1804, foi criada em Londres a primeira organização de publicação e distribuição de Bíblias, a Sociedade Bíblica Britânica e Estrangeira (SBBE), de orientação protestante e que produzia exemplares da Bíblia em inglês e outros idiomas; a exemplo da SBBE, em 1814, foi fundada a Sociedade Bíblica Holandesa, e em 1816, a Sociedade Bíblica Americana (SBA); semelhantemente, essa iniciativa resultou em SBs na Alemanha, Suíça, Suécia, França e Canadá. Uma outra se formou na Trinity College, em Cambridge, a *Trinitarian Bible Society* ou Sociedade Bíblica Trinitariana (STB), que defendia a utilização do Texto Massorético³⁷ e do *Textus Receptus* em suas traduções (SEIBERT, 2006).

³⁷ Textos produzidos a partir do século VI por eruditos judeus (massoretas) de Tiberíades, na Galileia, no qual sinais vocálicos foram inseridos, perpetuando, assim, a pronúncia tradicional (SILVA, 1996). Versão da Bíblia Hebraica padronizada no século IX d.C.

A SBBE foi responsável por publicar o NT de Almeida em volume único e exportá-lo para Portugal e para suas colônias, incluindo o Brasil, em 1809 – por ocasião da abertura dos portos por D. João VI para nações amigas após sua chegada a Salvador em 1808. Mais tarde, em 1819, a organização produziu a Bíblia completa da tradução de Almeida (1773)³⁸ em volume único; parte dessa produção chegou a um representante e *colporteur*³⁹, chamado James Thompson, em Buenos Aires no ano de 1821, que viabilizou o transporte das Bíblias para o Recife, Pernambuco, uma vez que, a colônia sendo predominantemente católica, tal versão protestante poderia ter menor aderência. Essas, portanto, foram as primeiras Bíblias completas em português a chegar ao Brasil por meio das SBs. Ainda, nos trabalhos de evangelização, uma parte do público somente aceitava a Bíblia se fosse a versão católica; assim os *colportores* ofereciam um exemplar da tradução de Figueiredo (GIRALDI, 2013).

Outras recensões do texto de Almeida foram fomentadas ao longo do século XIX pelo que as SBs se esforçaram em atender às demandas: a versão *Revista e Reformada* (Londres, 1847) pela SBT prezava pela fidelidade aos textos originais e ao texto primário de Almeida; a versão *Revista e Correcta* (Lisboa, 1877) buscava uma linguagem mais contemporânea da língua portuguesa; a versão *Revista e Emendada* (Nova York, 1883) pela SBA continha a reimpressão da segunda edição do NT (1693); finalmente, a versão *Revista e Corrigida* (Londres, 1894)⁴⁰ pela SBBE foi a mais importante de todas; surgiu à luz das recensões de 1847 e 1877; resultante de um trabalho realizado em Portugal, de uma comissão com representantes de diversas confissões, em busca pela fidelidade aos manuscritos nas línguas originais e pelo português contemporâneo com referências a Figueiredo (1781); anos mais tarde, passou por uma revisão em parceria com a SBA, publicada em 1925 (MALZONI, 2016).

A SBBE e a SBA tinham, cada uma, um escritório funcionando no Brasil. Em 10 de junho de 1940, para um melhor trabalho de distribuição de Bíblias, essas SBs uniram-se sob o nome de Sociedades Bíblicas Unidas (SBU). Em 02 de julho do mesmo ano, foi fundada, no Rio de Janeiro, a Imprensa Bíblica Brasileira (IBB), que auxiliou na distribuição. Diante dos desafios que encontravam na importação de exemplares em meio a Segunda Guerra Mundial e no pós-guerra, a SBU decidiu fundar, em 1948, a Sociedade Bíblica do Brasil (SBB) (SEIBERT, 2006). Por fim, em 1969, a SBT, Cambridge, estabeleceu uma extensão em São Paulo, a Sociedade Bíblica Trinitariana do Brasil (SBTB); essa organização visa defender a utilização de Texto Massorético e do *Textus Receptus* em suas traduções (SILVA, 1996).

³⁸ Embora date de 1773, essa versão é o texto resultante da Grande Revisão do século XVIII.

³⁹ Representantes de vendas da Bíblia das SBs, que evangelizavam de porta em porta.

⁴⁰ Seibert (2006) afirma que essa publicação aconteceu em 1900.

4.2 VERSÕES BRASILEIRAS

A seguir temos as versões em português publicadas no Brasil. Ao todo são 47 projetos tradutórios de orientações católica, protestante, judaica, judaico-messiânica, interconfessional e ecumênica. Há também recensões, traduções indiretas e diretas, traduções parciais, além de releituras, que oferecem o conteúdo bíblico em estilos literários.

4.2.1 Recensões de traduções não-brasileiras

A *Primeira revisão brasileira da Tradução de João Ferreira de Almeida*, lançada em 1879, foi produzida pela SBA e continha apenas o NT; consistia em uma recensão do texto da 4ª edição (1773)⁴¹. Como mencionado anteriormente, a revisão do texto de Almeida ao final do século XIX culminou na publicação da versão *Almeida Revista e Corrigida* (ARC) em 1898 pela SBBE – versão essa de maior circulação; foi revista novamente em parceria com a SBA e publicada em 1925. Finalmente, com a criação da IBB, a ARC foi impressa pela primeira vez em solo brasileiro em 1954 no Rio de Janeiro; duas edições com atualizações ortográficas vieram a público: em 1969 e em 1995, pela SBB – esta versão é impressa e comercializada até os dias atuais, passando apenas pelas correções do novo acordo ortográfico.

Após a primeira edição brasileira da ARC, uma nova recensão do texto de Almeida começou, e a SBB publicou a versão *Almeida Revista e Atualizada no Brasil* (ARA) em 1959 – iniciada em 1943⁴² pela SBU. Essa foi a segunda recensão brasileira do texto de Almeida; tal trabalho buscava, primeiramente, uma adequação linguística e, em segundo plano, foi motivado pelas descobertas de manuscritos nos últimos séculos; essa versão passou por uma revisão e, em 1993, sua segunda edição foi publicada. De acordo com as recomendações das SBs, a cada vinte e cinco anos, as traduções devem passar por uma análise e/ou revisão. Por isso, um novo trabalho resultou na *Nova Almeida Atualizada* (NAA), lançada em 2017; esse processo deve ser à luz das línguas originais, e a recensão contou com as versões *Bíblia Hebraica Stuttgartensia* (1977) e o *Novum Testamentum Graece 28ª ed.* (2012), por Nestle-Aland⁴³.

O avanço dos estudos da crítica textual motivou tradutores e estudiosos a buscar uma versão de Almeida de maior aproximação dos textos fonte dos manuscritos nas línguas

⁴¹ Raupp (2014) se refere a uma edição que teria sido de 1753. Contudo, não há registros de uma publicação nesse ano; apenas o do segundo tomo de dois volumes do AT. Há, porém, uma 4ª edição (1773), revisada com base nas traduções de Cypriano de Valera (1602), de Lutero (1534), e da versão Holandesa (1637) (MALZONI, 2016).

⁴² Malzoni (2016) diz que esse início se deu em 1946.

⁴³ Corresponde ao texto de *Novo Testamento Grego* 5ª ed. (2012), pela SBU.

originais. Assim, em 1967⁴⁴, foi lançada pela IBB a versão *Almeida revisada de acordo com os melhores textos no hebraico e no grego* – a terceira recensão brasileira. Contudo, para os tradutores, não bastou ser revisada com os melhores textos de partida; chegava o momento em que um texto de chegada mais aderente aos leitores do século XXI fosse necessário. Por fim, a versão *Almeida Século 21* foi publicada em 2008 por Edições Vida Nova; inicialmente tratava-se de uma revisão da recensão de 1967, mas tornou-se um trabalho mais profundo e, agora, apresenta-se como uma “retradução” de toda a Bíblia; as versões usadas foram a *Bíblia Hebraica Stuttgartensia* (1977) e o *Novum Testamentum Graece 27^a ed.* (1993)⁴⁵, mantendo “as linhas básicas do texto de João Ferreira de Almeida” (RAUPP, 2014, p.55).

Além dessa aproximação do texto fonte, buscava-se, também, uma adequação à linguagem atual; e em 1990, resultante de uma quarta recensão, foi publicada a versão *Almeida Edição Contemporânea* (AEC) por Editora Vida; em 1996, editora Alfalit Brasil lançou uma edição revisada e ampliada, popularmente chamada de *Bíblia Alfalit*, com reedição em 1999. Em contrapartida, a versão *Almeida Corrigida Fiel* (ACF), publicada em 1994 pela SBTB, resultante da quinta recensão, buscou eliminar acréscimos ao texto de Almeida, motivados pela crítica textual; a fidelidade que professa no título não é às línguas originais, mas ao texto primário de Almeida (MALZONI, 2016); essa recebeu mais quatro edições: 1995, 2007 e 2011 – todas pela SBTB, e em 2020 – pela Thomas Nelson Brasil.

Os Gideões Internacionais no Brasil, uma organização missionária com núcleo em Campinas, SP, distribui o NT de Almeida, *Edição Corrigida e Revisada* (1994) junto à SBTB.

A Igreja de Jesus Cristo dos Santos dos Últimos Dias adotou uma revisão da edição de 1914 da ARC (1898). Em 2010 deram início a uma revisão, enriquecendo-a com notas de rodapé e comentários; esse trabalho foi feito por profissionais, membros da igreja; cinco anos mais tarde, foi lançada a *Bíblia Sagrada Almeida 2015*, versão oficial desse grupo religioso.

4.2.2 Traduções Indiretas

Embora o cristianismo faça uso de toda a Bíblia, a doutrina da Nova Aliança⁴⁶ se fundamenta no NT. Logo, é comum que se ache mais traduções suas. Raupp (2014) relaciona quatro publicações de traduções antigas do NT, que confirmam sua maior importância.

⁴⁴ Seibert (2006) diz que essa publicação foi em 1960.

⁴⁵ Corresponde ao *Novo Testamento Grego* 4^a ed. (1993), pela SBU.

⁴⁶ Ou Novo Concerto, se refere ao acordo firmado entre Deus e a humanidade por meio do sacrifício de Jesus na cruz, que substitui o que foi estabelecido, mediante ao sacrifício de um cordeiro, no monte Sinai com Moisés.

- *Tradução de Joaquim Martins de Carvalho*⁴⁷. Uma versão católica do NT, traduzida do latim, com base na Vulgata de São Jerônimo; um projeto que se estendeu de 1845 a 1847 e foi publicado em 3 tomos. Segundo Voigt (*apud* MALZONI, 2016, p.56), essa tradução “foi usada pelos padres da Pia Sociedade de São Paulo para a uma edição que continha os quatro evangelhos e o livro de Atos dos Apóstolos”, e que viria a ser sua primeira edição da Bíblia no Brasil.
- *Tradução de José Basílio Pereira* (1902 e 1910)⁴⁸. Uma versão católica do NT, traduzida do latim, com base na *Vulgata* de São Jerônimo. Em 1902, vieram a público *O Santo Evangelho de Jesus Cristo segundo S. Mateus* e também *S. Marcos*; no ano seguinte, em 1903, foram publicados os volumes de *S. Lucas* e de *S. João*; mais a diante, em 1904, foi a vez de *Os Atos dos Apóstolos*; e entre 1905 e 1906, foram publicadas *As Epístolas aos Romanos*, e *I e II aos Coríntios*. Uma nova edição foi planejada em três volumes, mas dessa vez com o NT completo; o primeiro volume foi o *Novo Testamento: Os Evangelhos e Atos dos Apóstolos* (1909); em seguida, veio o volume com as *Epístolas de S. Paulo* (1910); finalmente, foi publicado o volume com *Epístolas dos Apóstolos e Apocalipse* (1912). Dez anos depois, surgiram novas traduções do AT, a saber, *Os Salmos* e *O livro de Jó* (1922). Uma nova edição do NT foi publicada em fascículos em 1938, e em seguida uma outra edição foi preparada em dois volumes, e foram publicados 1940 e em 1941.
- *Tradução de Duarte Leopoldo da Silva* (1903). Uma versão católica do NT, traduzida do latim, com base na Vulgata de São Jerônimo; continha apenas os quatro evangelhos.
- *Tradução do Colégio da Imaculada Conceição* (1904). Uma versão católica do NT, traduzida do latim, com base na Vulgata de São Jerônimo; continha os quatro evangelhos e o livro de Atos dos Apóstolos.

Malzoni (2016) lista as primeiras traduções parciais do NT e completas do sec. XX.

- *Concordância dos Santos Evangelhos reunidos num só* (1903). Das mãos de Duarte Leopoldo e Silva, o trabalho foi impresso pela Escola Tipográfica Salesiana, de São Paulo.

⁴⁷ Malzoni (2016) refere-se ao tradutor como Joaquim de Nossa Senhora de Nazareth.

⁴⁸ Segundo Malzoni (2016), havia uma urgência em combater o avanço do protestantismo; à medida em que a tradução progredia, o NT era publicado em volumes.

- *Os Santos Evangelhos de N. S. Jesus Christo e os Actos dos Apostolos – Tradução Pedro Maria Booz* (1905). Uma tradução com base na Vulgata latina; era acompanhada de notas traduzidas do francês feitas pelos padres assumpcionistas.
- *Tradução de José de Senna Freitas* (1912-1913). Uma versão dos evangelhos em quatro volumes, acompanhada de anotações; foi impressa na Tipografia do Jornal do Comércio.
- *Tradução de João José Pedreira de Castro* (1939). Uma tradução do NT; apareceu como sendo o quarto volume de uma publicação completa da Bíblia pela editora Vozes, que não se concretizou. Em 1942, veio a público sua terceira edição; em 1944, apareceu *Os Santos Evangelhos de Nosso Senhor Jesus Cristo*, uma edição reduzida aos quatro evangelhos, que teve mais duas reimpressões, ainda, em 1950, veio a público a quarta edição da tradução de Pedreira de Castro.
- *Tradução de Álvaro Negromonte* (1941). Uma tradução do NT. Inicialmente, foi uma publicação dos quatro evangelhos; a segunda edição veio a público em 1943. Em 1961, o *Novo Testamento – Tradução e Notas de Álvaro Negromonte* estava em sua terceira edição, revista e ampliada; na apresentação, o tradutor afirma que, para essa edição, fez uma nova tradução, desta vez, a partir do texto grego.
- *Bíblia Sagrada – tradução de Matos Soares* (1942)⁴⁹. A segunda versão católica completa, traduzida do latim, com base na Vulgata de São Jerônimo, originalmente publicada no Porto, em 1932; embora não seja brasileira, foi a Bíblia popular dos católicos. Malzoni (2016) diz que houve várias reimpressões e uma nova edição; na chamada 34ª edição (1976), houve uma atualização nas introduções e nas notas explicativas; Silva (1996) alega que essa tradução carece de fidelidade, pois as marcas ideológicas do tradutor estão muito presentes.
- *Tradução de Vicente Zioni* (1943). Uma versão do NT com base na Vulgata latina; além das introduções a cada escrito bíblico, notas e citações compõem o dogma católico contra os erros dos protestantes.

As versões que se seguem são traduções completas, com suas revisões detalhadas.

⁴⁹ De acordo com Silva (1996), essa publicação aconteceu em 1946.

- *Bíblia Sagrada Ave-Maria* (1959). Foi a primeira versão católica completa da Bíblia realizada no Brasil pelo Centro Bíblico Católico; traduzida do francês por João José Pedreira de Castro, com base na tradução dos Monges de Maredsous, religiosos beneditinos da Bélgica. Malzoni (2016) menciona algumas publicações relevantes, a saber, a 4ª ed. (1962), a 21ª ed. (1974), a 115ª ed. (1998); há uma de 1964, pelo Centro Bíblico de São Paulo, e, atualmente, o *status* de publicações encontra-se na 214ª ed. (2019).
- *Tradução do Pontifício Instituto Bíblico de Roma* (1967). Uma versão católica completa; tradução da versão italiana (RAUPP, 2014); já havia sido publicada, em 1947, a tradução de Salmos por Bento José Pickel e Gabriel Beltrão. Pela extensão de notas explicativas e pelo volume de material analítico, Malzoni (2016) a considera “a primeira Bíblia de estudo publicada no Brasil” (p.79).
- *Tradução do Novo Mundo das Escrituras Sagradas* (1967). Única versão brasileira da Bíblia destinada às Testemunhas de Jeová; uma versão completa, traduzida do inglês, com base na versão estadunidense (1961) do mesmo grupo religioso, publicada pela Watchtower Bible and Tract Society, em Nova York; em 1986, foi publicada a versão brasileira da quarta edição (1984); em 1989, o NT foi impresso como *Tradução do Novo Mundo das Escrituras Gregas Cristãs*; a quinta revisão, por sua vez, foi mais extensa e mais significativa, resultando na *Tradução do Novo Mundo da Bíblia Sagrada* (2015).
- *Bíblia Viva* (1981). Uma versão protestante completa; traduzida com base na versão estadunidense denominada *Living Bible*; tal material preza por uma linguagem mais acessível ao grande público. Essa tradução passou por uma revisão em que foi feita uma atualização de vocabulário e uma formatação do texto, que resultou na Nova Bíblia Viva (2007).
- *Tradução Ecumênica da Bíblia* (1994). Também conhecida como Bíblia TEB, é a primeira versão completa com pretensões interconfessionais; é uma tradução com base na 3ª edição da versão francesa de 1989, *Traduction Oecuménique de la Bible* (TOB); seu AT tem a mesma sequência do cânon judaico; como se propõe a atender diversas confissões, ela também contém os sete livros deuterocanônicos, contidos nas Bíblias católicas romanas. Uma revisão feita na TOB foi publicada em 2004 e parcialmente aproveitada na TEB de 2014; a 12ª

ed. da TOB (2010) traz outros livros deuterocanônicos, adotados pela Igreja Ortodoxa, mudança que foi acrescida na edição da TEB 2020.

- *A Bíblia – Antigo Testamento* (1995), Cia Melhoramentos. Uma tradução de parte do AT, em que ficaram de fora os livros de I Crônicas, Ester, Oseias, Obadias, Naum, Habacuque e Ageu; tradução da versão inglesa *The Bible Old Testament* – aparentemente de orientação protestante, uma vez que não apresenta quaisquer livros deuterocanônicos.
- *Bíblia do Peregrino* (2002). Uma versão católica completa; tradução da versão espanhola *Nueva Biblia Española*, de Luís Alonso Schökel. Em 2000, já tinha vindo a público o NT com base na edição que já contava com uma revisão de seu tradutor.

As versões a seguir foram publicadas há poucos anos e estão em sua primeira edição.

- *Versão Reina-Valera em Português* (2009); uma versão protestante completa; tradução da versão espanhola de mesmo nome.
- *Bíblia Judaica Completa* (2010). Uma versão de toda a Bíblia destinada aos judeus messiânicos; tradução da versão estadunidense de mesmo nome.
- *A Mensagem: Bíblia em Linguagem Contemporânea* (2011). Uma versão protestante completa; tradução da versão estadunidense de mesmo nome.

4.2.3 Traduções Diretas

As traduções a seguir tiveram como texto de partida exemplares em línguas originais como: *Revisão da Bíblia Hebraica Rudolf Kittel* (1937), os Manuscritos do Mar Morto (1947) e *Bíblia Hebraica Stuttgartensia* (1977) – para o AT; *Goettingensia*, de Joseph Ziegler (1982) – para os deuterocanônicos; *Novum Testamentum Graece et Latine*, de Augustinus Merk (1933) e *Novum Testamentum Graece* 10^a ed. (1914), 26^a ed. (1979), 27^a (1993) e 28^a ed. (2012), de Nestle-Aland – para o NT. Os recentes estudos da crítica textual consultam as versões: *Peshitta Siríaca* (sec. II), *Pentateuco Samaritano*, *Septuaginta – Vorlage* (sec. IX d.C.) e *Septuaginta* de Alfred Rahlfs (1979).

A exemplo das traduções indiretas, é comum que venha a público, primeiramente, o NT, que é a base do cristianismo, e, posteriormente, a versão completa da Bíblia. Embora algumas traduções não explicitem quais foram exatamente seus textos de partida, as traduções com base nas línguas originais são:

- *Tradução de Francisco Rodrigues dos Santos Saraiva* (1898). Uma tradução de interconfessional de Salmos; foi a primeira tradução de textos bíblicos no Brasil com base em língua original (RAUPP, 2014).
- *Tradução Brasileira* (1908). Uma tradução protestante completa; foi o primeiro projeto de tradução da Bíblia no Brasil a partir das línguas originais; teve apoio da SBBE e da SBA. O trabalho que começou em 1904 inicialmente teve o NT publicado em 1910 e o AT, em 1917; Silva (1996) avalia essa tradução como literal, pelo que há rigidez e insegurança vernacular por ter sido feita somente à luz da equivalência formal. Essa tradução deixou de ser publicada na década de 1950 e foi relançada em 2010 pela SBB por seu valor documental.
- *Tradução de Huberto Rohden* foi publicada em 1934⁵⁰; a primeira versão católica do NT traduzida do grego *Novum Testamentum Graece*⁵¹, de Nestle-Aland; seu trabalho começou enquanto estudante na Europa (1924-1927) e terminou no Brasil; versão muito usada para estudo comparativo e crítica textual (SILVA, 1996).
- *Tradução de Lincoln Ramos* (1952). Uma tradução do NT de orientação católica; inicialmente, essa tradução era de parte dos escritos e foi publicada como *Os quatro evangelhos*; posteriormente, em 1958, os demais escritos vieram a público como *Atos dos Apóstolos, Epístolas e Apocalipse*. “Segundo o próprio tradutor, seu trabalho teve motivação pastoral.” (MALZONI, 2016, p.68). Uma terceira edição foi publicada em 1979, como *A palavra do Senhor: Novo Testamento*, e uma quarta edição, em 1982.
- *Tradução de Meir Matzliah Melamed* (1962). Uma versão judaica da Torá (Pentateuco), a primeira direcionada aos judeus tradicionais. A tradução é, segundo Malzoni (2016), literal.
- *Tradução da Liga de Estudos Bíblicos* (LEB). Essa organização patrocinou o primeiro trabalho católico de tradução a partir das línguas originais. Segundo Terra (*apud* MALZONI, 2016, p.71), a primeira publicação foi um volume de Salmos, por Simão Vogt, em 1951; De Palma (*apud* MALZONI, 2016, p.72), por sua vez, diz que o primeiro volume continha os livros de Tobias, Judite e Ester e fora publicado em 1956 com o nome de *Santa Bíblia* – uma obra que

⁵⁰ Silva (1996) afirma que essa publicação aconteceu em 1935.

⁵¹ Embora não especificada, essa, possivelmente, teria sido a 10ª ed. (1914).

rendeu 43 volumes pela Editora Agir; já Vogt (*apud* MALZONI, 2016, p.72) afirma que essa publicação aconteceu em 1955. Posteriormente essa tradução recebeu uma versão ilustrada, chamada *A Bíblia mais bela do Mundo*, publicada pela editora Abril em fascículos, que ao todo formavam oito volumes; Terra afirma que essa publicação se estendeu de 1956 a 1968; Vogt, porém, diz que ela teve início em 1965. Essa edição passou por uma nova revisão, resultando na *Bíblia Mensagem de Deus* (1983) pela Edições Loyola, com reimpressões em 1994 e em 2002 – esta, em parceria com a Editora Santuário. Os textos fontes não são mencionados.

- *Tradução na Linguagem de Hoje* (1973) - SBB. Uma tradução do NT de iniciativa protestante; fruto de um projeto evangelístico internacional, que promovia a tradução por equivalência dinâmica (KONINGS, 2009). Devido ao seu sucesso, a proposta foi adiante, e, em 1988, a *Bíblia na Linguagem de Hoje* (BLH) foi publicada; uma versão completa, que prezava pela linguagem mais acessível ao grande público, por meio da equivalência dinâmica. Essa tradução passou por uma revisão na década de 1990, que resultou na publicação da *Nova Tradução na Linguagem de Hoje* (NTLH), em 2000; para essa revisão, foram usadas as versões *Bíblia Hebraica Stuttgartensia* (1984) e *The Greek New Testament* 4ª ed. (1995)⁵²; para o uso dos católicos, a SBU providenciou a tradução dos livros deuterocanônicos, que teve como fonte a *Septuaginta* de Alfred Rahlfs (1979) e a *Goettingensia* de Joseph Ziegler (1982).
- *Bíblia Sagrada* (1982) – Editora Vozes. Uma versão católica completa. Inicialmente foi publicado o *Novo Testamento* – Tradução de Mateus Hoepers (1956), com base no texto grego do *Novum Testamentum Graece et Latine*, de Augustinus Merk (1933); uma revisão à luz de *The Greek New Testament* 3ª ed. (1975)⁵³ foi feita com o texto de Hoepers, e o NT foi republicado em 1978. Para o AT, foi traduzido o texto da *Bíblia Hebraica Stuttgartensia* (1977); os livros deuterocanônicos foram traduzidos do grego⁵⁴ por Lincoln Ramos, foram revisados à luz de *Goettingensia* (1982); esse trabalho resultou no volume completo da *Bíblia Sagrada* (1982), que passou por uma atualização em 1986, e

⁵² Publicada pela SBU, corresponde ao texto de Nestle-Aland, 27ª ed., 1993.

⁵³ Publicada pela SBU, corresponde ao texto de Nestle-Aland, 26ª ed., 1979.

⁵⁴ Possivelmente, foi a *Septuaginta* de Alfred Rahlfs (1979).

uma profunda revisão à luz de Nestle-Aland 27ª ed. (1993) para ser novamente publicada em 2001.

- *Bíblia Sagrada: Edição da Palavra Viva - Tradução dos Missionários Capuchinhos* (1982). Uma versão católica completa. Trata-se de uma versão brasileira da tradução católica portuguesa homônima de 1968; para essa versão brasileira, foi utilizada a oitava edição (1978).
- *Bíblia Pastoral* (1990). Uma versão católica, resultante da primeira iniciativa da Igreja Católica no Brasil em oferecer uma versão em linguagem mais acessível ao grande público. Esse texto passou por uma revisão profunda, o que teria implicado em novas traduções e notas; esse trabalho resultou, em 2014, na *Nova Bíblia Pastoral*. Os textos fonte não são especificados.
- *Nova Versão Internacional* (2000) – SBI. Uma versão protestante completa; fruto de um trabalho evangelístico internacional, conduzido pela SBI, a versão apresenta um texto mais aderente e não tão formal; um exemplo de tradução por equivalência dinâmica, à luz dos manuscritos descobertos nos últimos séculos.
- *Bíblia de Jerusalém* (1981) - Paulus. Uma tradução católica completa; versão brasileira das notas em francês de *La Bible de Jérusalem* (1973); uma revisão literária foi feita em 1989 à luz da mesma edição francesa; e, após as atualizações das notas de rodapé, a *Bíblia de Jerusalém: nova edição, revista e ampliada* (2002), baseada na edição francesa de 1998, totalmente revisada (KONINGS, 2009; 2016). Seus textos fontes não são especificados.
- *Bíblia Sagrada: tradução da CNBB* (2001). Uma versão católica completa. Embora tivesse a pretensão de ser a tradução de referência no Brasil, não se apresentava como oficial; uma revisão em 2007 tentou alcançar esse status, sem sucesso; para tanto, precisou se aproximar mais das línguas originais, seguindo o modelo da *Nova Vulgata* (1986); e, após uma extensa e minuciosa revisão, a *Bíblia Sagrada: tradução oficial da CNBB* foi publicada em 2018 (KONINGS, 2016). Seus textos fontes não são especificados.
- *Bíblia Hebraica – Tanakh* (2006). A primeira tradução de todo o cânon judaico destinada ao Judaísmo tradicional; a obra abrange a Torá (Pentateuco), Nevi'im (Profetas) e Ketuvim (Escritos). Malzoni (2016) conta que essa tradução teve como base os códex de Alepo (século X), um dos códices massorético da tradição de Bem Asher; seus tradutores foram Jairo Fridlin e David Gorodovits.

- *Bíblia de Aparecida* (2006). Uma versão católica completa. Em sua introdução o material ostenta o fato de ter sido feita por apenas um tradutor, a saber, Pe. José Raimundo Vidigal, e atribui a isso uma suposta unicidade resultante. Seus textos não são especificados.
- *O Tanakh e a B'rit Hadashah* (2009). É a primeira tradução de toda a Bíblia destinada aos judeus messiânicos. O título se refere respectivamente ao AT e ao NT; “*B'rit Hadashah*”⁵⁵ é como se referem ao *Novum Testamentum Graece*; a tradução com base no *Texto Massorético* e na antiga versão *Peshitta* foi feita por David Harold Stern, um judeu não-messiânico.
- *Bíblia Sagrada* (2011) – Editora Escala. Uma versão completa, traduzida por Ciro Mioranza; tem pretensões ecumênicas explícitas; suas fontes usadas para a tradução são desconhecidas, embora sua apresentação sugira ter sido das línguas originais.
- *Bíblia Sagrada* – SBU. Em 2012, essa tradução teve os direitos reservados junto à BV Books; a revisão ficou a cargo do Comitê de tradução e revisão da Bíblia Sagrada *Bíblia SBU*; após nova revisão, foi relançada na versão revista e corrigida (2016).
- *Bíblia King James Atualizada* (2012). Uma tradução protestante completa. Segue o estilo da versão King James inglesa; seus textos fontes foram o *Tanakh* (Bíblia Hebraica) e o *B'rit Hadashah*; o projeto foi feito pelo Comitê internacional permanente de tradução e revisão da Bíblia e coordenado pela Sociedade Bíblica Ibero Americana.
- *O Novo Testamento – Tradução de Haroldo Dutra Dias* (2013). Uma tradução interconfessional do NT; o material contém apenas os quatro evangelhos e o livro de Atos dos Apóstolos; com base no texto crítico dos manuscritos gregos⁵⁶; o contexto sociocultural dos escritos foi o que guiou a tradução, que tenta transmitir com fidelidade esse conteúdo ao leitor.
- *A Bíblia – Novo Testamento* (2015). Uma versão do NT por uma comissão católica de tradutores; a versão foi feita com base no *The Greek New Testament*⁵⁷. *A Bíblia: Salmos* (2017) é uma publicação que segue o mesmo

⁵⁵ Sintagma proferido pelo profeta Jeremias no capítulo 31, que significa “Nova Aliança”. Ver nota 41 (p.30).

⁵⁶ Possivelmente a 4ª ed. da UBS (1993).

⁵⁷ Possivelmente a 5ª ed. da UBS (2012).

padrão; traduzida da língua original, possivelmente tenha sido com base na *Bíblia Hebraica – Tanakh* (2006).

- *Bíblia Sagrada Nova Versão Transformadora* (2016). Uma versão completa de orientação protestante; feita com base na *Bíblia Hebraica Stuttgartensia* (1977), em *The Greek New Testament*, e na *Peshitta*. Uma versão chamada *O Livro da Vida*, também publicada em 2016, é uma edição da NVT, com o AT e NT, porém, sem os escritos dos Profetas Posteriores; nela não há marcações de capítulos e versículos, para que seja lida como um romance.
- *Bíblia Peshitta* (2019). Versão em português dos antigos escritos aramaicos, traduzidos direto do hebraico e do grego; sua formação se deu pela igreja Siríaca de Edessa, no Nordeste da Mesopotâmia, do século I ao III; caracteriza-se pela linguagem objetiva e simplificada.
- *Bíblia Textual* (2020). Uma tradução completa à luz do Texto Massorético, da *Septuaginta (Vorlage)*, do *Pentateuco Samaritano*, dos Manuscritos do Deserto da Judeia e do *Novum Testamentum Graece* (28ª ed.); sua tradução foi feita por uma comissão de tradutores.

4.2.4 Edições parciais da Bíblia

Traduções de apenas parte da Bíblia vieram a público no Brasil. Malzoni (2016) relaciona algumas notáveis. Mencionada anteriormente, *Salmos* (1898), por Francisco Rodrigues dos Santos Saraiva, foi a primeira tradução com base na língua original. *O livro dos Salmos: traduzidos, comentados e anotados pelo Pe. Leonel Franca* (1947) e *Os Salmos* (1951), tradução e comentários por Ernesto Vogt possivelmente foram traduzidos da Vulgata. *Os Salmos: estrutura, conteúdo e mensagem* (1983), uma tradução direta de todo o livro de Salmos por Luiz Inácio Stadelmann, teve uma nova edição ampliada com comentários, *Os Salmos da Bíblia* (2015). Finalmente, *Rezar os salmos hoje: tradução do original hebraico* (21ª ed., 1987), uma seleção por Carlos Mesters e Francisco Teixeira.

Outros livros foram traduzidos. *Qohélet, O-que-sabe: Ecclesiastes* (1991), uma tradução direta do poema sapiencial, cujo autor se identifica como Qohélet (o que reúne, o que sabe ou, ainda, o pregador); traduzido por Haroldo Campos. *Evangelhos e Atos dos Apóstolos: novíssima tradução dos originais* (2011), traduzido por Cássio Murilo Dias da Silva, a versão pretende oferecer um texto próximo ao original grego, mas sem perder a fluidez em português.

Bíblia Fácil (s/d)⁵⁸ – Centro Bíblico Católico, uma tradução direta do NT, com traduções parciais do AT, por Paulo Avelino de Assis; uma edição com apenas os quatro evangelhos foi publicada como *Bíblia do Povo* (s/d)⁵⁹. Ambas sem data de publicação.

4.2.5 Edições em línguas indígenas

Além das versões em português da Bíblia, também há algumas publicações em línguas indígenas. Malzoni (2016) faz menção de apenas duas: *Topê Vĩ Rá*⁶⁰: o NT na língua kaingáng, falado por comunidades do sudeste ao extremo sul do Brasil – São Paulo, Paraná, Santa Catarina e Rio Grande do Sul); e *Amenan Pe Paapaya Uyetato 'kon*⁶¹: o NT em língua macuxi, falado em comunidades do extremo norte do país – Roraima e também em Guiana.

Da Silva (2013) diz que há duas Bíblias completas: Bíblia Waiwai, pela MEVA, e Bíblia Guarani, pela SBB (2004); e mais 32 NTs traduzidos para línguas indígenas. Ele explica que os missionários aprendem a língua, a cultura, criam um alfabeto, escolhe o vocabulário, e alfabetiza o nativo da língua. Da Silva orienta que além da equivalência formal e da equivalência dinâmica, o tradutor muitas vezes lança mão da Teoria da Relevância, de Ernest Gutt, que sugere que nem tudo está no texto, e que muitas informações são negociadas entre o autor e o leitor; este precisa inferir ora no contexto linguístico ora no contexto social quais sejam as intenções comunicativas do autor. A tradução da Bíblia em línguas minoritárias não é para atender à demanda de interessados em ler seus escritos; mas, sim, afirma da Silva (2013), para a implementação de igrejas em determinadas etnias.

4.2.6 Releituras da Bíblia

Algumas publicações ganham destaque por usar “Bíblia” em seu título, atraindo leitores aderentes à temática. Não se trata de novas traduções, mas de releituras e adaptações literárias do conteúdo bíblico, que atende ao público consumidor de textos literários. São elas: *A História da Bíblia* (2020), Nova Fronteira – Escrita por Hendrik Willem Van Loon e traduzida do original em inglês por Monteiro Lobato, o livro relata a história de Jesus, baseado nos quatro

⁵⁸ No site de e-commerce Amazon, há uma publicação pela editora Fons Sapientiae, de janeiro de 2006. Porém, na imagem comercial da capa do livro, constam as informações: 27ª ed., pela Edições DLL.

⁵⁹ Malzoni diz que sua distribuição ficou com as Edições Loyola, mas não havia registro no seu catálogo; nenhum dos três exemplares disponíveis no catálogo da Estante Virtual tinha sua data de publicação.

⁶⁰ São Leopoldo: Sinodal, s/d. Porém, há uma publicação de 2005 pela SBB.

⁶¹ São Paulo: Sociedade Bíblica Internacional, 1996.

evangelhos do NT; a trilogia *O livro de Deus: a Bíblia romanceada* (1996), *O livro de Paulo: romance* (2002) *O livro de Jesus: romance* (2006), escrita por Walter Wangerin e traduzida do original em inglês por Paulo Roberto Purim, foi publicada pela editora Mundo Cristão e atende aos que apreciam o estilo contemporâneo; *A História: a Bíblia contada como uma só história do começo ao fim* (2011), Sextante – uma seleção de textos da Nova Tradução Internacional (2000), que abrange desde a criação ao apocalipse; *A Bíblia: a história de Deus e de todos nós* (2013), Sextante – escrito por Roma Downey e Mark Burnett, baseada em uma série televisiva estadunidense, o livro seleciona histórias desde a criação aos dias de Jesus.

4.2.7 Breve análise quantitativa

Uma breve análise quantitativa dos projetos tradutórios mostra que há 20 traduções indiretas⁶², 23 traduções diretas⁶³, 9 traduções parciais e duas traduções para línguas indígenas. Porém, a relação desses números com os grupos religiosos elenca dados interessantes:

Figura 1

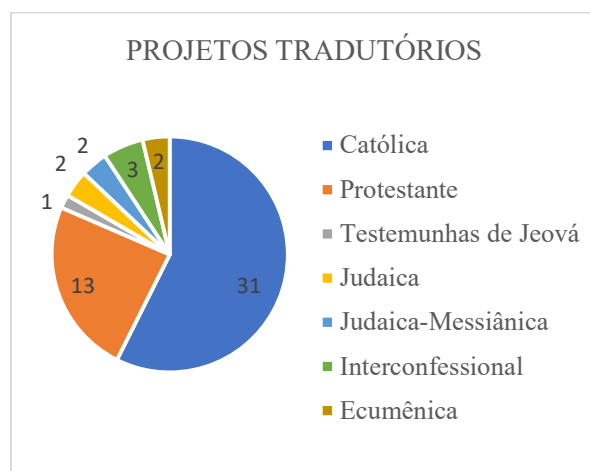


Figura 2



Em termos de projetos tradutórios, o empenho dos católicos é bem mais expressivo que a soma dos trabalhos dos demais grupos. Os protestantes, por sua vez, superaram em número de versões completas. Esses dados, somados às dez avaliações da tradução de Almeida feitas no Brasil, apontam para a possibilidade de haver, nessas traduções, marcas ideológico-doutrinárias que justifiquem a concepção de tantas para um mesmo grupo religioso.

⁶² A tradução de Matos Soares (1942) é portuguesa.

⁶³ A tradução dos Missionários Capuchinhos (1982) é portuguesa.

5 CONCLUSÃO

Este trabalho é fruto de uma pesquisa que buscou elencar as versões disponíveis da Bíblia no Brasil, suas respectivas revisões e/ou recensões bem como suas datas de publicação. Orientado pela lista de dados proposta por D’Hulst (2021) para os quais a pesquisa histórica deve atentar, reunimos elementos que pudessem satisfazer perguntas como: *quem? o que? onde? com o que? por quê? como? quando? para benefício de quem?* Algumas fontes traziam dados abundantes, porém, outras, omitiam informações – não o bastante para deter a construção desta historiografia.

Os projetos tradutórios listados no inventário de edições, começaram a surgir a partir de 1845. Inicialmente, essas traduções eram com base no latim, depois nas línguas originais, e nas mais modernas como o espanhol e o inglês. Em busca de uma versão que se aproxime daquilo que acreditam ser o texto original, tradutores assumem a tarefa de interpretá-lo com o apoio do público consumidor da Bíblia, interessados em fundamentar suas ideologias. Ao todo foram 47 projetos tradutórios, incluindo dois em línguas indígenas e nove traduções parciais. Há, também, 2 publicações de versões portuguesas e 4 releituras. Ainda, pelo menos, 10 variantes do texto de João Ferreira de Almeida estão em circulação no Brasil. Os seguimentos religiosos que mais se ocupam desses projetos são cristãos católicos e os protestantes; os demais parecem não se ocupar na busca por uma versão diferente das que já têm, promovendo apenas revisões.

Algumas impressões surgiram ao longo da pesquisa no que se refere à tradução como produto final oferecido ao leitor. As versões católicas prezam pelas introduções, notas explicativas, materiais em anexo abundantes tais como: mapas, calendários, interpretações, preces, inventário de referências dogmáticas e doutrinárias, etc. Já as edições protestantes carregam apenas o texto bíblico traduzido, ou com referências cruzadas, reservando introduções, notas, mapas e comentários apenas para as bíblias de estudo – que não são poucas.

É comum encontrar nos materiais de orientação protestante marcas de devoção tanto quanto comentários subjetivos e juízos de valor. Uma vez que seu público alvo são fiéis que compõem sua comunidade, a linguagem é pouco acadêmica e mais intimista. Ironias e informações secundárias são presentes e trazem um olhar mais subjetivo.

Os livros pesquisados sobre a origem da Bíblia e suas traduções não se ocupam em difundir a teoria de Nida e nem outras subsequentes; tal conteúdo é restrito aos estudos acadêmicos sobre tradução. Uma breve apresentação e explicação dos estudos de Nida e sua importância na tradução da Bíblia no século XX poderia promover uma melhor compreensão e uma menor resistência às traduções modernas principalmente por parte dos protestantes, que se

mostram claramente resistentes às traduções de equivalência dinâmica. Há, inclusive, *blogs* ou *sites*, mesmo católicos, dedicados a criticar e refutar traduções que oferecem um texto mais contemporâneo; acusações de ataques e adulterações e julgamentos como “demoníaco” e “herege” reforçam as argumentações.

Com relação a produtividade entre os grupos religiosos, os católicos lançaram mais projetos tradutórios novos, enquanto os protestantes se ocupavam em recensões do texto de João Ferreira de Almeida – a primeira tradução da Bíblia em língua portuguesa e a mais consumida por esse público. Além disso, muitas traduções de um mesmo texto implicam em leituras e interpretações diversas, o que pode levar a manipulações e presença de marcas ideológico-doutrinárias.

A tradução não é mera transferência dos conteúdos de uma língua para outra (ARROJO, 2003). É, antes de tudo, uma leitura, uma interpretação, que leva em conta toda experiência e visão de mundo construída ao longo do tempo e que faz distinção entre os indivíduos tradutores/leitores. Assim, tanto o texto de partida quanto os de chegada estão sujeitos às mais variadas interpretações à luz das ideologias de cada leitor/tradutor. As marcas ideológicas nas traduções da Bíblia não diferem apenas entre grupos religiosos distintos, como mostra Raupp (2015) nas cinco primeiras edições completas da Bíblia no Brasil, a saber, *Tradução Brasileira* (1917) – aos protestantes, *Bíblia Sagrada Ave Maria* (1959) – aos católicos, *Tradução do novo mundo das escrituras sagradas* (1967) – às Testemunhas de Jeová, *Tradução Ecumênica da Bíblia* (1994) – interconfessional, *Bíblia Hebraica* (2006) – aos judeus tradicionais, e *A Torah e a B'rith Hadashah* (2009) – aos judeus messiânicos. Raupp compara trechos que mostram diferenças doutrinárias que constroem dogmas e tradições fundamentais e estabelecem distinção entre os grupos. Contudo, é possível encontrar marcas nas traduções destinadas a um mesmo grupo religioso.

Tomando como referência um trecho da epístola de Paulo aos Efésios, capítulo 5, versículo 18, que diz: “E não vos embriagueis com o vinho, em que há contenda, mas enchei-vos do Espírito” (ARC), nota-se uma relevante diferença entre as traduções destinadas ao público protestante. A versão citada é a de maior difusão entre o público evangélico no Brasil, e a grande diferença recai sobre o termo “contenda”, que, de acordo com Aulete (2009), é um “debate em que há objeção ou oposição de ideias entre as partes” (p.201). A tradução da SBU acompanha a ARC. Contudo, as quatro versões de Almeida mais recentes apresentam em lugar de “contenda” termos relacionados à sexualidade: ACF, dissolução; AEC, libertinagem; A21 e NAA, devassidão. Há de se observar que duas traduções com uso de equivalência dinâmica confirmam essa interpretação: NBV, depravação; e NVI, libertinagem. Já a NTLH, que fez uso

da mesma estratégia, traz um termo de sentido mais amplo, “desgraça”, assim como a NVT, “descontrole”, termos esses que não resgatam o sentido sexual dos demais. As traduções de orientação católica convergem mais no sentido dos termos empregados: as mais antigas, “luxúria”; as mais recentes, “devassidão”; a Bíblia Fácil usou “libertinagem”. No entanto, a *Tradução Oficial da CNBB* empregou “descontrole”, termo amplo e esvaziado de moralismo.

A questão da contenda é um ponto sensível no meio protestante. Há vários outros textos ao longo da Bíblia que se referem ao tema, condenando-o didaticamente, mas sempre no sentido de dissensão entre as partes. As questões que se levantam são: por que Almeida escolheu tal termo? A quem interessa que seja esse o termo empregado? Alguma vez “contenda” já significou “devassidão”? Qual palavra assumiu um novo significado ao longo dos anos: “contenda” ou o termo do texto fonte em grego? O emprego dos dois termos estaria atendendo interesses ideológico-doutrinários dos dois grupos religiosos de formas distintas? O que muda se a tradução do termo for repensada? Tais questões estão mais próximas da busca pela tradução “fiel” ao texto “original” e que tenta reconstruir as intenções do autor.

Essa variedade de traduções da Bíblia no Brasil bem como suas recensões mostram a pluralidade dos que consomem seu texto, além de indicar motivações ideológico-doutrinárias dos que estão sempre em busca de uma versão que melhor lhes atenda. Isso vai de acordo com o que afirma Tymoczko (2013, p.118), que “a ideologia de uma tradução não reside simplesmente no texto traduzido, mas no modo de expressão e na postura do(a) tradutor(a), bem como na relevância dessa tradução para o seu público”. Vale lembrar, também, o que diz Hermans (2014, p.11), que “toda tradução implica um grau de manipulação do texto fonte para um determinado objetivo”. Assim, além das crenças e visão de mundo de um tradutor/leitor, há ainda a finalidade que o seu projeto busca satisfazer junto aos seus leitores.

Todas essas variantes de um processo tradutório terão impacto não apenas no texto de chegada, mas, também, e através dele, no público-alvo que o consome. A historiografia das traduções da Bíblia no Brasil, portanto, pode servir de moldura para estudos comparativos dessas interpretações, que revelam mais que estudos translacionais, mostram que as ideologias de tradutores/leitores estão na própria atitude de traduzir e são expressas em seus textos na escolha lexical, no estilo adotado e, finalmente, no reconhecimento de público alvo. Serve, ainda, de pano de fundo de uma análise sócio-política e antropológica de uma nação que, desde seu período colonial, lida com questões raciais, de gênero e de intolerância. A Bíblia esteve presente na “invenção” do Brasil, na formação de seu povo, e está, em algum nível, presente nas relações construídas nas diversas esferas da sociedade brasileira.

REFERÊNCIAS

- ALVES, Herculano. João Ferreira D’Almeida, tradutor da Bíblia. *In: FÓRUM DE CIÊNCIAS BÍBLICAS*, 2006, Barueri. **A tradução da bíblia para a língua portuguesa – 325 anos da 1ª edição do Novo Testamento em português**. Barueri: Sociedade Bíblica do Brasil, 2007. v.2, p.23-52
- ARROJO, Rosemary. **Oficina de tradução: a teoria na pratica**. 4.ed. São Paulo: Editora Ática, 2003.
- AULETE, Caldas. **Minidicionário contemporâneo da língua portuguesa**. 2.ed. Rio de Janeiro: Lexikon, 2009.
- DESLILE, Jean; WOODSWORTH, Judith. **Translators through History: revised edition**. Amsterdam and Philadelphia: Benjamin Translation Library, 2012.
- D’HULST, Lieven. Por que e como escrever histórias da tradução? Tradução: Helena Lúcia Silveira Barbosa e Maria Teresa Mhereb. *In: Caderno de Tradução*, Florianópolis, v.41, nº 2, p. 479-491, mai./ago. 2021. Tradução de: *Why and how to write translation histories*.
- GIRALD, Luiz Antônio. **História da Bíblia no Brasil**. 2.ed. Barueri: Sociedade Bíblica do Brasil, 2013.
- GOHN, Carlos. Pesquisas em torno de textos sensíveis: os livros sagrados. *In: PAGANO, Adriana Silvina. Metodologias de pesquisa em tradução*. Belo Horizonte: Faculdade de Letras, UFMG, 2001.
- HERMANS, Theo. **The manipulation of literature: studies in literary translation**. New York: Routledge, 2014.
- IGREJA DE JESUS CRISTO DOS SANTOS DOS ÚLTIMOS DIAS. **Edição SUD da Bíblia Sagrada, Almeida 2015, É Considerada uma “Grande Bênção”**. São Paulo, 2015. Disponível em: <https://www.churchofjesuschrist.org/church/news/lds-edition-of-biblia-sagrada-almeida-2015-called-a-great-blessing?lang=por>. Acessado em: mai. 2021.
- JOSEFO, Flavio. **História dos hebreus**. 8.ed. Rio de Janeiro: Casa Publicadora das Assembleias de Deus, 2004.
- KONINGS, Johan. Tradução e traduções da Bíblia no Brasil. *In: GOHN, Carlos; NASCIMENTO, Lyslei. A Bíblia e suas traduções*. São Paulo: Humanitas, 2009, p.104-126.
- MALZONI, Cláudio Vianney. **As edições da Bíblia no Brasil**. São Paulo: Paulinas, 2016.
- MILLER, Stephen M.; HUBER, Robert V. **A Bíblia e sua história: o surgimento e o impacto da Bíblia**. Barueri: Sociedade Bíblica do Brasil, 2006. Tradução de: *The Bible: a History – the making and impact of the Bible*.
- PORTER, Stanley E. **Eugene Nida and Translation**. The Bible Translator, Ontario, v.56, n.1, p. 8-19, January 2005.

RAUPP, Marcelo. **A Bíblia no mundo e no Brasil e a incidência de marcas ideológico-doutrinárias traduções brasileiras completas**. Scientia Traditionis, n.16, 2014. <https://doi.org/10.5007/1980-4237.2014n16p49>, em 20/06/2016.

_____. **A história da transmissão e da tradução da Bíblia em nível mundial e no Brasil e as marcas ideológicas nas primeiras traduções brasileiras completas dessa obra**. Florianópolis: Universidade Federal de Santa Catarina, 2015.

RUNDLE, Christopher. Historiography. In: BAKER, Mona; SALDANHA, Gabriela. **Routledge Encyclopedia of Translation Studies**. 3.ed. London and New York: Routledge, 2020.

SCHOLZ, Vilson. Bíblia de Almeida: sua origem, as revisões e os princípios envolvidos. In: FORUM DE CIÊNCIAS BÍBLICAS, 2006, Barueri. **1600 anos da primeira grande tradução ocidental da Bíblia – Jerônimo e a tradução da Vulgata Latina**. Barueri: Sociedade Bíblica do Brasil, 2006b. v.1, p. 7-35.

SEIBERT, Erní Walter. Historiografia das traduções da Bíblia para o português. In: FORUM DE CIÊNCIAS BÍBLICAS, 2006, Barueri. **1600 anos da primeira grande tradução ocidental da Bíblia – Jerônimo e a tradução da Vulgata Latina**. Barueri: Sociedade Bíblica do Brasil, 2006b. v.1, p. 81-101.

SILVA, Antônio Gilberto da. **A Bíblia através dos séculos: uma introdução**. Rio de Janeiro: Casa Publicadora das Assembleias de Deus, 1986.

SILVA, Norval Oliveira da. Traduzindo a Bíblia para povos indígenas. In: LIDÓRIO, Ronaldo (org.). **Indígenas do Brasil**. Viçosa: Editora Ultimato, 2005, p. 205-216.

STAMPS, Donald C. **Bíblia de estudo pentecostal**. Rio de Janeiro: Casa Publicadora das Assembleias de Deus, 1995.

TYMOCZKO, Maria. Ideologia e a posição do tradutor: em que sentido o tradutor se situa no “entre” (lugar)? Tradução: Ana Carla Teles. In: BLUME, Rosvitha Friesen; PETERLE, Patricia (org.). **Tradução e relações de poder**. Tubarão: Copiart. Florianópolis: PGET/UFSC, 2013, p.115-148.

VOIGT, Simão. Versões em português. In: SCHARBERT, Josef. **Introdução à sagrada escritura**. Petrópolis: Vozes, 1983. p. 165-169.

WANGERIN, Walter. **O livro de Deus: A Bíblia Romanceada**. Tradução: Paulo Roberto Purim. São Paulo: Editora Mundo Cristão, 1996. Tradução de: *The Book of God: The Bible as a Novel*.

_____. **O livro de Jesus: Romance**. Tradução: Paulo Roberto Purim. São Paulo: Editora Mundo Cristão, 2006. Tradução de: *Jesus: A Novel*.

_____. **O livro de Paulo: Romance**. Tradução: Paulo Roberto Purim. São Paulo: Editora Mundo Cristão, 2002. Tradução de: *Paul: A Novel*.

TRADUÇÕES DA BÍBLIA. PORTUGUÊS

_____. **A Bíblia: Antigo Testamento.** São Paulo: Companhia Melhoramentos, 1995.

_____. **A Bíblia: Novo Testamento.** Tradução: Cláudio Vianney Malzoni et al. São Paulo: Paulinas, 2015.

_____. **A Bíblia: Salmos.** Tradução: Matthias Grenzer. São Paulo, 2017.

_____. **Bíblia de Aparecida.** Tradução: José Raimundo Vidigal. Aparecida: Editora Santuário, 2020.

_____. **Bíblia de estudo pentecostal: edição revista e corrigida.** Tradução: João Ferreira de Almeida. Tradução das notas: Gordon Chown. Rio de Janeiro: Casa Publicadora das Assembleias de Deus, 1995.

_____. **Bíblia de Jerusalém.** Tradução: Euclides Martins Balancin et al. São Paulo: Paulus, 2020.

_____. **Bíblia do peregrino.** Tradução: Ivo Storniolo e José Bortolini. São Paulo: Paulus, 2017.

_____. **Bíblia Fácil.** Tradução: Paulo Avelino de Assis. São Paulo: Centro Bíblico Católico, s/d.

_____. **Bíblia King James Atualizada.** São Paulo: Abba Press, 2012.

_____. **Bíblia Peshitta: tradução dos antigos manuscritos aramaicos.** Niterói: BV Books Editora, 2019.

_____. **Bíblia Sagrada.** Tradução: Ludovico Garmus. Petrópolis: Vozes, 1996.

_____. **Bíblia Sagrada.** Tradução: Ciro Mioranza. São Paulo: Editora Escala, 2011.

_____. **Bíblia Sagrada: Almeida século 21.** Tradução: João Ferreira de Almeida. São Paulo: Vida Nova, 2013.

_____. **Bíblia Sagrada: edição Almeida corrigida fiel.** Tradução: João Ferreira de Almeida. Rio de Janeiro: Thomas Nelson Brasil, 2020.

_____. **Bíblia Sagrada: edição Almeida revista e atualizada no Brasil.** 2.ed. Tradução: João Ferreira de Almeida. Barueri: Sociedade Bíblica do Brasil, 1999.

_____. **Bíblia Sagrada: edição Almeida revista e atualizada no Brasil.** 3.ed. Tradução: João Ferreira de Almeida. Barueri: Sociedade Bíblica do Brasil, 2018.

_____. **Bíblia Sagrada: edição da palavra viva.** Tradução: Missionários Capuchinhos. São Paulo: Stamplay Publicações, 1974.

- _____. **Bíblia Sagrada: edição pastoral.** Tradução: Ivo Storniolo et al. São Paulo: Paulus, 2020.
- _____. **Bíblia Sagrada: nova versão internacional.** Rio de Janeiro: Thomas Nelson, 2019.
- _____. **Bíblia Sagrada: nova versão transformadora.** São Paulo: Mundo Cristão, 2016.
- _____. **Bíblia Sagrada: SBU edição revista e corrigida.** Niterói: BV Books Editora, 2016.
- _____. **Bíblia Sagrada: tradução brasileira.** Barueri: Sociedade Bíblica do Brasil, 2010.
- _____. **Bíblia Sagrada: tradução oficial da CNBB.** 3.ed. Brasília: Edições CNBB, 2019.
- _____. **Bíblia Sagrada Ave-Maria: tradução dos originais grego, hebraico e aramaico mediante a versão dos Monges Beneditinos...** São Paulo: Editora Ave-Maria, 2019.
- _____. **Bíblia SBU: revista e corrigida.** Tradução: Comitê de tradução e revisão da Bíblia Sagrada Bíblia SBU. Niterói: BV Books, 2016.
- _____. **Bíblia Textual: estudo contextual.** Niterói: BV Books Editora, 2020.
- _____. **Nova Bíblia Viva.** São Paulo: Hagnos, 2018.
- _____. **Nova Bíblia Pastoral.** Tradução: Paulo Bazaglia et al. São Paulo: Paulus, 2014.
- _____. **Nova Tradução na Linguagem de Hoje.** Barueri: Sociedade Bíblica do Brasil, 2000.
- _____. **Nova Tradução na Linguagem de Hoje.** São Paulo: Paulinas Editora, 2011.
- _____. **Tradução do novo mundo das escrituras sagradas.** Cesário Lange: Associação Torre de Vigia de Bíblias e Tratados, 1986.
- _____. **Tradução do novo mundo da Bíblia Sagrada.** Cesário Lange: Associação Torre de Vigia de Bíblias e Tratados, 2014.